

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

ISABELA GOMES

**DIPLOMACIA ESPORTIVA: ESTADOS UNIDOS E UNIÃO SOVIÉTICA NAS
EDIÇÕES DAS OLIMPÍADAS BOICOTADAS DURANTE A GUERRA FRIA**

CAMPINAS

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE ECONOMIA E NEGÓCIOS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS
ISABELA GOMES

**DIPLOMACIA ESPORTIVA: ESTADOS UNIDOS E UNIÃO SOVIÉTICA NAS
EDIÇÕES DAS OLIMPÍADAS BOICOTADAS DURANTE A GUERRA FRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Relações Internacionais da Escola de Economia e Negócios, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do Grau de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof(a). Dr(a). Ana Paula Lage de Oliveira

CAMPINAS
2024

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Gomes, Isabela

G633d

Diplomacia Esportiva: Estados Unidos e União Soviética nas edições das Olimpíadas Boicotadas durante a Guerra Fria : // Isabela Gomes. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.

64 f.il.

Orientador: Ana Paula Lage de Oliveira .

TCC (Bacharelado em Relações Internacionais) - Faculdade de Relações Internacionais , Escola de Economia e Negócios, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Diplomacia Esportiva. 2. Guerra Fria. 3. Olimpíadas Boicotadas. I. de Oliveira , Ana Paula Lage . II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Economia e Negócios. Faculdade de Relações Internacionais . III. Título.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE ECONOMIA E NEGÓCIOS
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS
ISABELA GOMES

DIPLOMACIA ESPORTIVA: ESTADOS UNIDOS E UNIÃO SOVIÉTICA E AS
OLIMPÍADAS BOICOTADAS DURANTE A GUERRA FRIA

Dissertação defendida e aprovada em 26
de Novembro de 2024 pela comissão
examinadora:

Prof(a). Dr(a). Ana Paula Lage de Oliveira.
Orientadora e presidente da comissão
examinadora
Pontifícia Universidade Católica de
Campinas.

Prof(a). Dr(a). Lidia Domingues Peixoto

CAMPINAS
2024

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente, aos meus pais, Antônio e Sandra, pelo apoio, encorajamento e esforço constante durante toda a minha vida.

Aos professores que compartilharam seus conhecimentos ao longo desta jornada.

A minha querida turma, 05, cujo apoio e companheirismo tornaram os dias na faculdade mais leves e as dificuldades mais fáceis de superar.

Dedico em específico à Ana Clara, minha parceira de faculdade durante esses 4 anos, com sua amizade.

A Maria Clara e a Luiza, que em mais de 8 anos de amizade sempre me apoiaram em qualquer ocasião.

E, por fim, mas não menos importante, ao Pedro, meu amor, meu porto seguro, meu melhor amigo.

Este trabalho é dedicado a vocês, como uma expressão da nossa jornada compartilhada.

“Ontem eu era inteligente, então queria mudar o mundo. Hoje sou sábio, então estou mudando a mim mesmo”

RUMI

RESUMO

Durante os Jogos Olímpicos de Verão, que aconteceram no período da Guerra Fria, os Estados Unidos e a União Soviética travaram uma competição intensa não apenas por medalhas, mas também pela promoção de suas respectivas ideologias e sistemas políticos. Nesse período, o esporte tornou-se uma ferramenta de diplomacia e propaganda, utilizada por ambas as superpotências para avançar seus interesses políticos e ideológicos. A partir disso, as Olimpíadas se transformaram em um palco global para demonstrar superioridade e influência, onde cada país buscava usar o sucesso esportivo como uma maneira de legitimar seu sistema e minar o do adversário. Estratégias variadas foram empregadas, desde boicotes políticos até confrontos diretos em eventos esportivos, refletindo a intensidade da rivalidade geopolítica da época. Este trabalho destaca o papel singular das Olimpíadas na Guerra Fria, como uma arena na qual os conflitos geopolíticos se desdobraram diante dos olhos do mundo. Além de ressaltar como esses eventos proporcionaram uma oportunidade para a construção de pontes temporárias entre nações rivais, por meio do esporte, destacando a interseção entre esporte, política e diplomacia. Compreende-se que as dinâmicas políticas permanecem presentes nesses eventos esportivos mesmo após a Guerra Fria.

Palavras-chave: Guerra Fria, Estados Unidos, União Soviética, Jogos Olímpicos, Boicotes

ABSTRACT

During the Summer Olympics, which took place during the Cold War, the United States and the Soviet Union engaged in intense competition not only for medals but also for the promotion of their respective ideologies and political systems. During this period, sports became a tool of diplomacy and propaganda, utilized by both superpowers to advance their political and ideological interests. As a result, the Olympics transformed into a global stage to demonstrate superiority and influence, where each country sought to use sporting success as a way to legitimize its own system and undermine that of the adversary. Various strategies were employed, from political boycotts to direct confrontations in sporting events, reflecting the intensity of the geopolitical rivalry of the time. This work highlights the unique role of the Olympics in the Cold War as an arena where geopolitical conflicts played out before the eyes of the world. It underscores how these events provided an opportunity for temporary bridges to be built between rival nations through sport, emphasizing the intersection of sport, politics, and diplomacy. It is understood that political dynamics continue to permeate these sporting events even after the Cold War.

Keywords: Cold War, United States, Sovietic Union, Olimpic Games, Boycotts.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Edições dos Jogos Olímpicos de Verão na Era Moderna	31
Quadro 2. Quadro de medalhas das Olimpíadas de 1972 e 1976	42
Quadro 3. Quadro de medalhas das Olimpíadas de Moscou em 1980	44
Quadro 4. Quadro de medalhas das Olimpíadas de Los Angeles em 1984	48

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Escala entre Soft Power e Hard Power	34
--	----

LISTA ABREVIATURAS E SIGLAS

COB: Centro Olímpico Brasileiro

COI: Centro Olímpico Internacional

EUA: Estados Unidos da América

OTAN: Organização do Tratado do Atlântico Norte

URSS: União Soviética

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. DIPLOMACIA	15
1.1 Diplomacia Cultural	18
1.2 Esporte como Ferramenta de Diplomacia Cultural	20
2. DIPLOMACIA ESPORTIVA DURANTE GUERRA FRIA	24
2.1 Panorama da Guerra Fria	24
2.2 Breve histórico das Olimpíadas de Verão	30
2.3 Diplomacia Esportiva nos Jogos Olímpicos de Verão durante a Guerra Fria	32
3. BOICOTES OLÍMPICOS	37
3.1 Boicote	39
3.2 Olimpíadas de 1980	40
3.3 Olimpíadas de 1984	45
CONSIDERAÇÃO FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

O esporte tem servido, desde sua criação em 776 A.C. (JORGE DE CARVALHO, 2016), como um reflexo das relações internacionais, transcendendo barreiras culturais e políticas através das competições esportivas, intercâmbio de atletas e de megaeventos como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo. Esses eventos não apenas moldam identidades nacionais, mas também influenciam as dinâmicas políticas globais, demonstrando como o esporte se torna um campo de batalha para disputas ideológicas. Nestes últimos eventos globais, os Estados interagem por meio de seus representantes culturais, no caso, os atletas. Percebendo a alta capacidade de influência do esporte, os países passaram a incentivar e investir em suas seleções, para alcançarem o prestígio com as vitórias.

Usado como ferramenta estratégica para promover o entendimento, a cooperação e a influência entre as nações, o esporte pode ser classificado como uma expressão da diplomacia cultural. Diferente da diplomacia tradicional, que foca em negociações políticas e econômicas, a diplomacia cultural envolve ações como intercâmbios artísticos, educacionais e esportivos, com o objetivo de melhorar a imagem de um país no exterior, estreitar laços internacionais e promover o respeito mútuo. Esse tipo de diplomacia utiliza a cultura para superar barreiras, fortalecer relações bilaterais e gerar um impacto positivo nas percepções globais, demonstrando a capacidade de um país de se comunicar e se conectar com diferentes culturas e sociedades.

A interação política internacional por meio do esporte nunca ficou tão evidente como durante o período da Guerra Fria. Entre os anos de 1947 e 1989, ocorreram 11 edições dos Jogos Olímpicos de Verão, sediados pelas seguintes cidades: Londres (1948), Helsinque (1952), Melbourne (1956), Roma (1960), Tóquio (1964), Cidade do México (1968), Munique (1972), Montreal (1976), Moscou (1980), Los Angeles (1984) e Seul (1988).

Esses Jogos, particularmente as Olimpíadas de 1980 e 1984, serviram como plataformas para expressões políticas que vão muito além das competições, influenciando a percepção global sobre as superpotências. Os boicotes se tornaram símbolos não apenas de resistência, mas também de como a política internacional pode moldar a narrativa esportiva e vice-versa. A compreensão dos boicotes como instrumentos de pressão política faz com que eles sejam utilizados para protestos e manifestação de poder nas competições esportivas, não apenas as que envolveram

os Estados Unidos e a União Soviética, mas anos após a Guerra Fria. Assim, a análise dos eventos esportivos revela uma teia complexa de relações que ainda impactam a diplomacia contemporânea.

A rivalidade entre os países atingiu seu ápice durante as retaliações mencionadas anteriormente. Eles não apenas privaram os atletas de competir em eventos de prestígio, mas também enfraqueceram o espírito olímpico de união e cooperação, fazendo com que o comportamento de diversas nações em relação a esses eventos varia significativamente. Entre os Estados que participaram dessa represália das Olimpíadas de 1980, destacaram-se a Alemanha Ocidental, o Canadá e o Japão, demonstrando solidariedade com a posição estadunidense e compondo um grupo de sessenta países que condenaram a ação militar soviética. Já 1984, nas Olimpíadas de Los Angeles, o boicote liderado pela União Soviética foi seguido por cerca de quinze países, entre os quais, Coreia do Norte, Cuba, Bulgária e Etiópia. Embora alguns países tenham se juntado ao boicote em solidariedade à URSS, outros optaram por participar dos jogos. Isso refletiu divisões políticas e diplomáticas entre as nações em relação aos seus tradicionais alinhamentos durante a Guerra Fria. (WESTAD, 2010, volume 3)

A partir disso, as Olimpíadas emergiram como um palco singular onde as rivalidades ideológicas se manifestaram de forma intensa. Os Estados Unidos, representantes do mundo capitalista e defensores da democracia liberal, frequentemente viam as Olimpíadas como uma oportunidade para demonstrar os valores do Ocidente e a liberdade individual. Nesse contexto, o esporte tornou-se um meio de promover ideologias, reforçando a importância das competições na arena global. Por outro lado, a União Soviética, como líder do bloco comunista e defensora do socialismo, encarava essas competições esportivas como uma plataforma para destacar os supostos benefícios do sistema socialista e a superioridade do coletivismo sobre o individualismo.

Esses blocos políticos protagonizaram por mais de três décadas uma disputa pelo poder mundial, tanto em questões ideológicas quanto no mundo do esporte. Junto disso, os estádios refletiram as tensões políticas e ideológicas que caracterizavam as relações entre essas duas potências, onde cada país buscava acumular medalhas e conquistas esportivas como uma forma de reforçar a narrativa de que seu sistema era o mais eficaz e bem-sucedido.

Dessa maneira, pode-se dizer que a pergunta central desta pesquisa é: como as superpotências, EUA e URSS, utilizaram os Jogos Olímpicos, que são eventos esportivos de alcance global, como plataforma estratégica para promover suas agendas políticas, exercer influência internacional e consolidar sua posição no tabuleiro geopolítico durante a Guerra Fria? Com isso, este estudo busca compreender os motivos políticos que levaram os EUA e a URSS a gerarem oposição a certas edições dos Jogos Olímpicos de Verão, em uma análise da diplomacia esportiva e a competição entre as potências durante o período da Guerra Fria, focando especificamente na relação entre essas duas superpotências da época nas Olimpíadas. Visa-se não apenas examinar o papel do esporte como uma ferramenta de diplomacia, mas também entender como as competições atléticas se tornaram arenas de confronto e demonstração de poder entre os blocos ocidental e oriental durante um dos períodos mais tensos da história contemporânea.

Estudar essa relação política não é apenas uma análise do passado, mas também uma reflexão sobre como os eventos esportivos continuam a influenciar as relações internacionais hoje. A análise aprofundada desses momentos-chave proporciona uma visão mais abrangente das estratégias diplomáticas empregadas pelos estadunidenses e pelos soviéticos. Essa compreensão histórica pode revelar lições valiosas para o papel do esporte na diplomacia atual. Estudar a relação política entre esses países durante a Guerra Fria em época de Jogos Olímpicos faz com que possamos entender melhor como a competição esportiva foi utilizada como uma extensão do confronto geopolítico entre as duas superpotências.

A partir deste contexto, a busca pela relação entre política e esporte ressalta a relevância do tema, uma vez que eventos esportivos continuam a ser arenas onde as potências globais moldam suas imagens e influenciam as relações internacionais. Motivou a realização deste trabalho, que dentre todos os temas que englobam as relações internacionais, a escolha desse tema se dá pela importância de compreender a diplomacia cultural e o seu impacto duradouro na construção da imagem nacional de um país. Já que, ao promover sua cultura, história e tradições, um país pode aumentar sua influência e atratividade no cenário internacional, fortalecendo assim seus laços diplomáticos e sua reputação global, seja como sede ou como participante desses megaeventos globais.

O presente estudo é uma pesquisa que foi realizada a partir de pressupostos metodológicos da pesquisa qualitativa. Para a fundamentação deste trabalho, foram

estudados autores que trazem o contexto histórico da Guerra Fria, como Odd Arne Westad, em seus três volumes de “The Cambridge History Of The Cold War“, textos da Fundação Alexandre de Gusmão dos autores Edgard Telles Ribeiro e Douglas Wanderley de Vasconcellos, e trabalhos acadêmicos que trazem o reflexo das relações internacionais no esporte e o uso político do esporte. Além disso, também se vale de algumas reportagens que se referiam aos Jogos Olímpicos ou à relação entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Dessa forma, esta pesquisa consta com a divisão de três capítulos. No primeiro capítulo deste trabalho, é explorada a interseção entre diplomacia cultural e esportiva, destacando como essas formas de diplomacia são utilizadas pelos Estados para promover interesses nacionais e construir pontes entre nações. Além disso, o capítulo examina como os países empregam esses eventos para promover sua imagem nacional, exercer influência e fortalecer laços diplomáticos.

Já no segundo capítulo, a diplomacia esportiva durante a Guerra Fria é explorada, destacando a intensa competição entre os Estados Unidos e a União Soviética pela hegemonia global, desde negociações bilaterais até alianças estratégicas e propaganda, por meio das quais essas duas superpotências buscavam constantemente vantagem geopolítica e proteção de interesses nacionais.

Por último, no terceiro capítulo, são examinados os boicotes que aconteceram durante as Olimpíadas de 1980 em Moscou e 1984 em Los Angeles. Esses eventos não apenas refletiram as tensões políticas da Guerra Fria, mas também moldaram a maneira como o esporte é percebido e utilizado em contextos políticos atuais. Com os Estados Unidos e a União Soviética usando o esporte como uma arena para expressar descontentamento político e exercer pressão internacional, a boicotagem deixou uma marca permanente nas Olimpíadas, minando o espírito de união e cooperação. Essa interseção entre esporte, política e diplomacia continua a ser relevante, ilustrando como os Estados aproveitam os Jogos Olímpicos como uma ferramenta para alcançar seus objetivos geopolíticos.

1. DIPLOMACIA

Uma única palavra pode ter várias definições, e isso se aplica para o termo "cultura". De acordo com definições tradicionais dos dicionários, a cultura refere-se ao conjunto das estruturas sociais, religiosas e das manifestações intelectuais e artísticas que caracterizam uma sociedade ou grupo específico. Este conceito não se limita apenas às expressões artísticas, como música, literatura, pintura e escultura, mas também abrange as tradições, crenças, costumes, instituições e modos de vida que definem o cotidiano de um povo (CAMBRIDGE, 2024) Dessa forma, a cultura configura-se como uma rede complexa de práticas e símbolos que moldam a identidade coletiva e individual.

A antropologia, por sua vez, adiciona uma camada de profundidade ao conceito de cultura, definindo-a como um fenômeno que não se limita às estruturas sociais e artísticas, mas que se estende às práticas diárias que moldam a vida humana. A cultura é vista como a soma de hábitos, costumes e realizações de um indivíduo ou de uma comunidade ao longo de sua trajetória histórica. Nesse contexto, a cultura não é apenas uma série de manifestações visíveis, mas um tecido intrincado de práticas e tradições que influenciam o comportamento e a interação social (GONÇALVES, 2010).

Um autor que compartilha da visão mais sociológica da cultura é Edgar Telles Ribeiro (2011), o qual enfatiza que ela não se limita apenas a expressões artísticas, mas envolve uma teia complexa de significados que moldam a identidade de uma sociedade. Para ele, a cultura é um conjunto dinâmico que inclui valores, crenças, modos de vida, comportamentos e tradições, refletindo a interação entre indivíduos e grupos. Essa perspectiva sociológica se alinha com a ideia de Soft Power, para o qual, nas palavras de Nye (2004) é o poder da atração e sedução. Para o autor, a cultura não é apenas um recurso de embelezamento, mas uma força social e política que pode influenciar e moldar relações internacionais, como abordaremos no capítulo dois Assim, a diplomacia cultural, ao promover esses elementos culturais, torna-se uma forma de construir relações de poder e afetar percepções globais, mostrando como a cultura é fundamental na articulação de estratégias de influência no cenário internacional.

Ribeiro argumenta que a cultura, nesse contexto, se torna um instrumento fundamental de diplomacia, pois permite criar vínculos e diálogos entre diferentes países de maneira menos conflituosa e mais profunda, ao transcender as barreiras

linguísticas e políticas. Ele enfatiza que a diplomacia cultural tem um papel estratégico na promoção da imagem de um país no exterior, emergindo como um componente estratégico que permite aos países exercerem influência sobre outros por meio de prestígio e cultura, utilizando as expressões culturais do mesmo como uma forma de fortalecer sua influência global e projetar valores nacionais. (RIBEIRO, 2011) Portanto, a diplomacia cultural se estabelece como um instrumento importante na política externa, facilitando a construção de uma imagem positiva e o fortalecimento de laços internacionais.

Historicamente, o surgimento e a evolução das grandes culturas resultam de um processo dinâmico de trocas e empréstimos entre diferentes grupos sociais e geográficos. Por exemplo, a filosofia grega antiga influenciou o pensamento romano e, por sua vez, teve um impacto profundo no desenvolvimento intelectual da Europa durante o Renascimento. Esses processos demonstram como as ideias e práticas culturais são constantemente adaptadas e reconfiguradas através das interações entre diferentes sociedades (RIBEIRO, 2011).

Já o termo "Diplomacia", é um conceito que remonta ao uso de documentos oficiais, conhecidos como "diplomas", que conferiam direitos e privilégios, funcionando, em essência, como uma forma primitiva de passaporte. Com o tempo, o termo evoluiu para englobar a coleta e análise de tratados e documentos oficiais, levando ao surgimento de expressões como "*corps diplomatique*", que se referia ao conjunto de ministros acreditados em uma corte específica. Assim, a diplomacia abrange tanto a totalidade dos tratados quanto os indivíduos envolvidos na sua negociação, refletindo uma prática essencial para a gestão das relações internacionais e a regulamentação das interações entre estados. (CONSTANTINOU; KERR; SHARP, 2016)

Nas palavras de Cull (2009, pág 12), para ele, diplomacia é a "tentativa de um ator internacional de gerenciar o ambiente internacional por meio de mecanismos que não envolvem guerra e de engajamento com outro ator internacional". Onde, atualmente, esse ator pode ser um estado, uma corporação multinacional, uma organização não governamental, uma organização internacional, uma organização terrorista ou paramilitar sem Estado, ou qualquer outro agente no cenário internacional.

Nesse contexto de diplomacia, tem-se as relações diplomáticas, as quais são distintas de outros fenômenos, como o reconhecimento de estados, que é um ato

unilateral que formaliza a soberania, mas não necessariamente implica na criação de relações diplomáticas. Embora o reconhecimento possa preceder o estabelecimento de relações, são conceitos diferentes. O reconhecimento de um estado é um ato que valida a sua existência no cenário internacional, permitindo que ele seja visto como um sujeito de direito. No entanto, isso não envolve a criação de canais formais de comunicação e interação, que são essenciais para as relações diplomáticas. Enquanto o reconhecimento pode ocorrer isoladamente e de forma pontual, as relações diplomáticas requerem um compromisso contínuo e estruturado entre os estados, permitindo a realização de negociações, a troca de informações e a cooperação em diversas áreas. Assim, um país pode reconhecer outro sem estabelecer relações diplomáticas, optando por não abrir embaixadas ou enviar diplomatas, seja por razões políticas ou estratégicas. Portanto, enquanto o reconhecimento é um passo inicial que confirma a soberania, as relações diplomáticas são fundamentais para a gestão ativa e colaborativa das interações entre estados. (CONSTANTINOU; KERR; SHARP, 2016)

Dessa forma, a diplomacia é uma estrutura que possibilita as relações entre estados, sendo uma etapa acima das próprias relações diplomáticas. A política externa também não é idêntica a essas relações, mas sim o conteúdo que os diplomatas defendem. Por fim, os estados, embora sejam tratados como pessoas, comunicam-se por meio de representantes oficiais, e a comunicação eficaz entre eles depende de um sistema diplomático robusto. As relações diplomáticas são, portanto, a chave para facilitar a interação entre estados e um elemento essencial no sistema internacional. (CONSTANTINOU; KERR; SHARP, 2016)

Em suma, a diplomacia é o campo que lida com as interações e interesses entre diferentes países, buscando acordos por meio de negociações e diálogos. É essencial para manter relações pacíficas e, se mal-sucedida, pode resultar em conflitos. Diplomatas, incluindo embaixadores e cônsules, são encarregados de administrar essas relações. No uso cotidiano, a diplomacia também se refere à habilidade de tratar questões com sensibilidade, mesmo quando se têm opiniões divergentes, fazendo com que as relações diplomáticas sejam, portanto, a chave para facilitar a interação entre estados no sistema internacional. (CULL, 2009)

1.1. Diplomacia cultural

A importância da diplomacia cultural foi especialmente reconhecida após a Segunda Guerra Mundial, quando países começaram a explorar seu potencial para influenciar a opinião pública global. Na esteira desse reconhecimento, nações como Alemanha, China e Estados Unidos fundaram instituições para promover suas estratégias culturais. Exemplos significativos incluem o Instituto Goethe na Alemanha, fundado em 1951, que promove a língua e a cultura alemã globalmente através de cursos de alemão, festivais de cinema, semanas culturais e exposições de arte contemporânea; tem-se os Institutos Confúcio na China, fundado em 2004, os quais focam na promoção da língua e cultura chinesas com eventos gastronômicos, festivais culturais e workshops sobre artes tradicionais; e também, a Agência de Informação dos Estados Unidos, que foi criada em 1953 e acabou sendo desativada em 1999, e embora extinta, promovia a cultura americana através de eventos gastronômicos, festivais de música e programas de intercâmbio cultural. Cada uma dessas entidades foi criada com o objetivo de expandir a influência cultural e solidificar suas posições no cenário internacional (GOFF, 2013).

Na atualidade, embora as relações culturais e comerciais internacionais estejam se descentralizando e sendo cada vez mais mediadas por indivíduos e comunidades, os Estados ainda desempenham um papel fundamental. Eles facilitam e regulamentam essas interações culturais, integrando aspectos culturais em suas estratégias diplomáticas e alinhando-os com objetivos políticos, econômicos e de assistência técnica (RIBEIRO, 2011). Essa dinâmica permite que os países aproveitem as interações culturais para fortalecer laços, promover produtos e negociar alianças, evidenciando a importância crescente da cultura nas relações internacionais.

Além disso, a diplomacia cultural, ao estabelecer vínculos de confiança e respeito mútuo, diferencia-se das alianças políticas e acordos comerciais, que tendem a ser transitórios. As relações culturais têm a capacidade de transcender a atuação governamental, expandindo-se e se consolidando através de canais próprios, o que fortalece a presença global dos países de maneira mais autêntica e sustentável (RIBEIRO, 2011).

A diplomacia cultural, conforme Goff (2013), é o eixo central da diplomacia pública porque, por meio das atividades culturais, uma nação expressa sua identidade de maneira mais autêntica. Essas iniciativas culturais não apenas

projetam a imagem de um país externamente, mas também refletem suas crenças e valores. Assim, a diplomacia cultural atua como uma ferramenta de soft power, facilitando o entendimento entre os povos e promovendo cooperação internacional de forma mais simbólica.

Contextualizando esses fatos com a polarização das relações internacionais após a Segunda Guerra Mundial, observa-se que a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) utilizou a propaganda política, incluindo o cinema, para promover o socialismo como um modelo de desenvolvimento mais justo em comparação ao capitalismo. O cinema soviético, por exemplo, não apenas celebrava os ideais socialistas e as conquistas do regime, mas também retrata o capitalismo como um sistema decadente e opressor. Filmes e documentários foram amplamente usados para apresentar a vida sob o socialismo como mais equitativa e próspera, contrastando com a desigualdade percebida no Ocidente. Além disso, a URSS investiu em literatura, música e arte para reforçar a narrativa socialista, utilizando esses meios como ferramentas para a educação política e a promoção da ideologia. Essa estratégia cultural demonstrou como a cultura podia ser uma ferramenta poderosa de influência, tanto interna quanto externamente, ajudando a moldar a percepção global sobre o socialismo e a rivalidade com o capitalismo (NOVAIS, 2022).

Em contrapartida, os Estados Unidos empregaram a cultura para promover o "*American Way of Life*" e ganhar aliados, destacando o capitalismo como um sistema político-econômico mais eficiente e atraente. Esse conceito se baseia na ênfase na sociedade de consumo, na propriedade privada e na mobilidade social, contrastando fortemente com os princípios socialistas defendidos pela URSS e, possivelmente, pela China naquele período. A estratégia americana incluía a promoção de filmes, séries de televisão e publicações que exaltavam a liberdade individual, a prosperidade econômica e o estilo de vida americano como sinônimos de sucesso e bem-estar. (NOVAIS, 2022).

O "*American Way of Life*" também foi difundido através de eventos culturais e esportivos, como festivais e competições internacionais, que não apenas exibiam a cultura pop americana, mas também reforçaram a ideia de que o capitalismo promovia uma qualidade de vida superior. Além disso, os EUA investiram em centros de ginástica e treinamento esportivo, que serviam como vitrines do sucesso do sistema capitalista. Esses centros promoviam um estilo de vida saudável e ativo,

associado ao dinamismo e às oportunidades proporcionadas pelo capitalismo, contrastando com a abordagem soviética e atraindo simpatizantes internacionais para o modelo americano. (NOVAIS, 2022)

Durante esse período histórico, tanto líderes socialistas quanto capitalistas utilizaram estratégias culturais para influenciar e persuadir seus cidadãos e o cenário internacional em favor de seus respectivos sistemas. Essa utilização da cultura como ferramenta de persuasão ressalta a crescente importância da diplomacia cultural nas relações internacionais (NOVAIS, 2022).

A relação entre cultura e desenvolvimento tem passado por transformações significativas, refletindo um crescente reconhecimento da dimensão cultural nas agendas sociais, políticas e econômicas dos governos. Essa integração da cultura resultou em abordagens institucionais e políticas que atendem a diversos interesses nacionais em contextos locais, nacionais e internacionais. Atualmente, a cultura é vista como um recurso valioso, um tipo de capital e uma forma de poder, sugerindo que a economia e a política estão cada vez mais globalizadas na medida em que se tornam culturalizadas. (KANG, 2013)

Em um cenário marcado por divisões culturais, a necessidade de diálogo intercultural se torna essencial para a cooperação internacional e o comércio bem-sucedido. Assim, a diplomacia cultural emerge como uma prática fundamental, operando dentro de um contexto de globalização e crescente ênfase nas dimensões culturais dos interesses nacionais, promovendo um entendimento mútuo e a colaboração entre diferentes nações e povos. Essa teorização ressalta a importância da cultura como um elemento central nas relações internacionais, permitindo que os estados naveguem as complexidades do mundo contemporâneo de forma mais eficaz. (KANG, 20213)

1.2 Esporte como Ferramenta de Diplomacia Cultural

Ao longo da história, desde as civilizações da Grécia e Roma antigas até as sociedades modernas e menos desenvolvidas, eventos esportivos que celebram o corpo e a cultura física têm servido a propósitos políticos e ideológicos. A exploração política dos grandes eventos esportivos globais, juntamente com suas implicações culturais e econômicas, tem sido um indicador importante do crescimento da globalização tanto na mídia quanto no esporte. Isso se torna ainda mais evidente quando esses eventos são apresentados como esferas ideologicamente neutras e

promotores de princípios idealistas e universais, muitas vezes justificando-se pelo seu potencial de promover identidades e interdependências globais, reforçando o conceito de uma sociedade civil global.(TOMLINSON; YOUNG, 2006)

Muitos especialistas consideram que o esporte tem o potencial de aliviar tensões entre competidores internacionais e promover a união de grupos diversos dentro de uma nação. Líderes mundiais e figuras influentes do esporte frequentemente o celebram como um fator harmonizador, capaz de transcender barreiras culturais e políticas (BUDD; LEVERMORE, 2004)

Contudo, o esporte muitas vezes acaba reproduzindo desigualdades e tensões que prevalecem no sistema internacional. Ao invés de ser um meio de inclusão, ele pode exacerbar divisões, como ilustrado por reações xenofóbicas e nacionalistas, que frequentemente emergem em eventos esportivos globais. Assim, o esporte, longe de ser um fator exclusivamente harmonizador, pode amplificar conflitos preexistentes, principalmente quando imbuído de significados políticos ou identitários (BUDD; LEVERMORE, 2004)

Além disso, no âmbito esportivo, a ideia de que essa visão é natural e civilizada é contestada por analistas, que argumentam que ela se baseia em uma leitura seletiva da história e ignora representações alternativas do passado. Em vez de promover a harmonia internacional, a forma como o esporte é retratado muitas vezes produz efeitos contrários. Essa dissonância entre a retórica e a realidade sugere que o retrato do esporte como um instrumento de unificação e paz pode ser mais ilusório do que eficaz. (BUDD; LEVERMORE, 2004)

O esporte é marcado pela competição e nacionalismo, impondo uma rígida divisão de funções entre os participantes. Tentativas de justificar essas características mascaram as verdadeiras relações sociais e produtivas, focando apenas nas ações de indivíduos isolados. Enquanto alguns atores, como empreendedores e corporações, colhem grandes recompensas, a maioria das pessoas vê o esporte como uma forma de escapar de suas frustrações sociais, criando conexões e identidades, e permitindo um breve alívio do isolamento e das dificuldades da vida cotidiana. (BUDD; LEVERMORE, 2004)

“O esporte é estruturalmente determinado pelas relações sociais, que criam um esporte à sua imagem, incluindo exploração, rotinização, competição, exclusividade nacional e tudo mais.”(BUDD; LEVERMORE, 2004, pág 42)

Analisar o espetáculo esportivo como um evento midiático implica estudar a história cultural e examinar a influência contínua e o impacto das ideias relacionadas ao esporte. Isso inclui como determinados valores, concepções e ideologias foram moldados e utilizados ao longo do tempo, além de destacar o papel central do corpo esportivo em ação. Ao explorar essas dinâmicas, é possível entender não apenas a representação do esporte na mídia, mas também como ele reflete e reforça ideais culturais, políticos e sociais, muitas vezes projetando identidades nacionais e valores universais no cenário global. (DE JESUS, 2014)

Dessa forma, o esporte, quando utilizado como ferramenta nas relações internacionais, dá origem à chamada diplomacia esportiva, que envolve o uso de eventos e competições esportivas como meios para promover o diálogo e a cooperação entre os Estados de maneira pacífica e informal. (DE JESUS, 2014)

Com isso, segundo De Jesus (2014), essa forma de diplomacia permite que os países construam pontes e reforcem laços internacionais sem recorrerem a negociações tradicionais ou intervenções mais formais ou complementando-as. Através de intercâmbios esportivos, os Estados podem melhorar sua imagem global, promover entendimento cultural e reduzir tensões políticas, utilizando o esporte como um meio de engajamento positivo. Além disso, a diplomacia esportiva oferece uma plataforma para influenciar questões políticas e sociais em âmbito global, enquanto mantém o foco em valores compartilhados como *fair play*, respeito e solidariedade.

O esporte se tornou uma grande indústria, com clubes e atletas não apenas competindo nas arenas esportivas, mas também envolvidos em interesses comerciais mais amplos voltados para o lucro. Isso inclui empresas transnacionais de roupas esportivas e grandes conglomerados de mídia que consideram o esporte uma forma de espetáculo, capaz de ser transmitido para vastos públicos, tanto em nível regional quanto global. (BUDD; LEVERMORE, 2004)

Essa interconexão entre o esporte e o setor comercial transforma competições em eventos altamente lucrativos, onde as marcas aproveitam a visibilidade para se conectar com os fãs. Além disso, essa dinâmica comercial influencia não apenas a maneira como os eventos são organizados, mas também como os atletas são promovidos e percebidos, criando uma cultura em que o desempenho esportivo é muitas vezes medido em termos de seu valor de mercado e apelo midiático. (BUDD; LEVERMORE, 2004)

Diante dessas informações, ao analisar o impacto desses eventos, pode-se notar como o esporte internacional contribui para a globalização e como promove ou exclui iniciativas de inclusão global. Esses eventos não apenas promovem valores como cooperação e respeito mútuo, mas também podem acentuar desigualdades, favorecendo certos países ou culturas. A cobertura midiática e a narrativa construída em torno deles influenciam percepções e estereótipos, moldando a imagem das nações globalmente. Assim, o esporte se torna um campo de disputa simbólica, onde a competição é celebrada, mas também se questiona o acesso e a representação em um mundo interconectado (TOMLINSON; YOUNG, 2006).

2. DIPLOMACIA ESPORTIVA DURANTE A GUERRA FRIA

Os Jogos Olímpicos, tradicionalmente vistos como um espaço neutro, foram estrategicamente escolhidos para veicular mensagens políticas. O ambiente esportivo, desassociado da política em teoria, tornou-se um campo de batalha simbólico, onde cada vitória era interpretada como uma validação da ideologia em questão (LICO, 2007).

Essa dinâmica deu origem ao conceito de diplomacia esportiva, que envolve ações representativas realizadas por atletas em nome de seus países. Esse fenômeno não apenas promoveu a interação entre Estados, mas também permitiu que países como os EUA e a URSS moldassem percepções favoráveis sobre si mesmos, utilizando o esporte como ferramenta para exibir seu poder e influência (MURRAY, 2018).

Assim, a intersecção entre política e esporte revela um aspecto crucial da relação internacional. Embora os Jogos Olímpicos tenham como principal objetivo a promoção do esporte, eles desempenham um papel significativo no sistema global. Cada ciclo olímpico, a cada quatro anos, não apenas celebra ideais compartilhados, mas também serve como um palco para manifestações políticas e sociais, promovendo a paz entre nações e desafiando o status quo da política internacional (SILVA; CAVALCANTI, 2021). Nesse sentido, os eventos esportivos transcendem sua função original, tornando-se instrumentos de poder e expressão política, refletindo as complexidades das relações internacionais contemporâneas.

2.1. Panorama da Guerra Fria

A expressão "Guerra Fria" foi usada pela primeira vez pelo britânico George Orwell em 1945, para lamentar a visão de mundo, crenças e estrutura social tanto da União Soviética quanto dos Estados Unidos, dizendo sobre o estado não declarado de guerra que começaria entre eles após o final da Segunda Guerra Mundial. Alguns historiadores passaram a usar esse termo ao final da década de 1940 para tentar explicar como a aliança entre os Estados Unidos, Grã-Bretanha e União Soviética durante essa época estava em decadência e poderia se tornar uma grande rivalidade. (WESTAD, 2010, volume 1)

A Guerra Fria, que teve início após o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, se estendeu pela segunda metade do século XX. De um lado se posicionaram países socialistas alinhados à URSS, como Alemanha Oriental, Hungria, Romênia e

Cuba; de outro lado, países como França, Japão, Alemanha Ocidental e Grã-Bretanha, foram liderados pelos EUA. Esses países em questão, foram os principais participantes tanto da Guerra Fria, quanto das edições das Olimpíadas, nas quais os blocos utilizaram seus privilégios para mostrar seus governos e ideologias nacionais. (LICO, 2007)

De um lado se posicionaram países socialistas alinhados à URSS, como Alemanha Oriental, Hungria, Romênia e Cuba; de outro lado, países como França, Japão, Alemanha Ocidental e Grã-Bretanha, foram liderados pelos EUA. Esses países em questão, foram os principais participantes tanto da Guerra Fria, quanto das edições das Olimpíadas, nas quais os blocos utilizaram seus privilégios para mostrar seus governos e ideologias nacionais. (LICO, 2007)

Existem vários elementos que contribuíram para a rivalidade entre essas potências. Um exemplo para isso, diz respeito à expansão das economias capitalistas pelas cidades da Europa Ocidental durante o século XIX, enquanto a URSS tinha uma economia planificada, onde mantinha o sistema econômico sob o controle do Estado. (WESTAD, 2010, volume 1)

Além da expansão capitalista, a corrida nuclear entre os países também contextualiza esse período da Guerra Fria, porém, ela começou antes disso. Durante a Segunda Guerra Mundial, três países decidiram construir a bomba atômica: Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética. A criação da bomba lançou uma sombra sobre as relações não só desses três países, mas no mundo todo. A bomba tornou o relacionamento do pós-guerra ainda mais tenso e controverso do que teria sido de qualquer forma. (WESTAD, 2010, volume 1)

Segundo Vizontini (2007), a Guerra Fria pode ser dividida em três fases. A primeira fase, de 1945 a 1949, foi marcada pela chamada *Pax Americana*, um período em que os Estados Unidos e a União Soviética começaram a consolidar suas esferas de influência, criando mecanismos para garantir prestígio econômico e militar. Nesse contexto, os EUA lançaram o Plano Marshall, que visava a reconstrução da Europa Ocidental com financiamento estadunidense, enquanto a União Soviética criou o Conselho de Assistência Mútua Econômica (CAMECON), um esforço para estabelecer um mercado comum entre os países do bloco socialista. No campo militar, os EUA lideraram a formação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em 1949, reunindo nações ocidentais em uma aliança de defesa mútua.

Por outro lado, em resposta à OTAN e à crescente influência americana, o bloco soviético formalizou em 1955 o Pacto de Varsóvia, uma aliança militar que incluía a URSS e seus aliados do Leste Europeu. Esses dois tratados, OTAN e Pacto de Varsóvia, simbolizavam as alianças militares rivais que sustentaram a ordem bipolar da Guerra Fria, onde cada lado buscava consolidar sua posição geopolítica e garantir sua segurança contra o outro. Embora a *Pax Americana* tenha promovido a estabilidade nas regiões sob influência ocidental, o equilíbrio entre as duas superpotências se manteve tenso, com uma paz armada que poderia se desfazer a qualquer momento devido às constantes ameaças de escalada nuclear e confrontos indiretos em várias partes do mundo (VIZENTINI, 2007)

A segunda fase, aconteceu no intervalo dos anos de 1950 a 1962, quando o foco da Guerra Fria se desloca em direção ao Terceiro Mundo. Essa época foi marcada por alguns eventos como a guerra civil na China, em que o país estava passando a ser liderado por um governo de esquerda, a URSS com uma leve ascensão econômica e demográfica após as consequências da Segunda Guerra Mundial, a revolução Cubana e a crise dos mísseis, que foi o estopim para que houvesse distinção entre as potências nos anos seguintes. A crise dos mísseis se deu pela instalação de mísseis em uma ilha próxima da costa dos EUA, que durante treze dias havia a possibilidade de ter uma Terceira Guerra Mundial, até que, a URSS os retirou, após o compromisso dos EUA de não invadirem o território cubano (VIZENTINI, 2007).

A terceira fase, de 1962 a 1979, conhecida como Détente, ou seja, uma distensão, ou então um afrouxamento das tensões entre os soviéticos e estadunidenses, teve como um dos principais fatores as divergências entre a República Popular da China e a URSS. (VIZENTINI, 2007) A Guerra Fria estava, de certo modo, com o status congelado, o que inseria a China no cenário internacional como uma potência secundária. Foi nesse período que os EUA concordaram em assinar tratados sobre restrição de armamentos, em troca da URSS reduzir seu envolvimento com os países de Terceiro Mundo. O resultado desses acordos, até o final da década de 1960, foi uma reorientação nas políticas soviéticas, americanas e chinesas que apenas amplificou a polarização ideológica do Terceiro Mundo. (VIZENTINI, 2007)

Esse terceiro período foi representado por um momento de esforço que as superpotências fizeram para reverter essa tendência de conflitos, além disso, foi

também uma tentativa de competição delas de recuperar a vantagem na Guerra Fria. Contudo, ela nunca foi destinada a acabar com a Guerra Fria, em vez disso, os países envolvidos buscavam estabelecer regras para o conflito, o que fez com que se desestabilizassem as prioridades de ambas as partes, e confusão começasse a se manifestar novamente ao redor do mundo. (WESTAD, 2010, volume 2)

O colapso da Détente entre as superpotências não aconteceu da noite para o dia, e não foi causado por apenas uma única força destrutiva. Em vez disso, sua desintegração foi gradual e complexa. Múltiplos eventos e forças agiram em conjunto para dismantelar as ideias elevadas e os pressupostos de manter a paz associados à Détente. (WESTAD, 2010, volume 3)

Existem diversas perspectivas e períodos temporais que podem justificar a causa desse colapso. Se nos concentrarmos no desenvolvimento das relações entre EUA e União Soviética na década de 1970, o colapso pode ser explicado em sua maioria pelas falhas na reação política a expectativas infladas que cada país tinha, além de processos de ação e reação desencadeados por grupos aliados de cada parte. Contudo, os governos foram descuidados ao violar as regras e foram insuficientes em relação a como o outro interpreta suas ações, o que fez com que essa época se encerrasse (WESTAD, 2010, volume 2)

O fim da Detente, aconteceu durante os anos de 1979 a 1985, e se iniciou nos EUA durante o governo Carter, e na URSS durante o governo Gorbachev. Isso se dá pelo fato de que os EUA tinham interesse na região do Chipre da África até o Paquistão, e na Península Arábica por conta do petróleo e em razão da proximidade do território com a URSS. Essa luta pelo petróleo da região fez com que a relação entre os dois países se intensificasse por conta da tentativa de URSS de minar o acesso ao petróleo e buscar uma maior infiltração no território afegão. (VIZENTINI, 2007)

Após esse período, a Guerra Fria se estendeu por mais quatro anos, e seu fim pode ser caracterizado, segundo Westad (2010), por seis fatores. A primeira trata sobre a liderança soviética chegar à decisão racional de liquidar um sistema que não funcionava, onde se tinha a crise do sistema soviético, a falta de desenvolvimento econômico e as intervenções mal sucedidas em países, como o Afeganistão, que minaram a confiança ideológica no comunismo. Externamente, a crescente consciência dos custos dos conflitos estrangeiros e a pressão por mudanças levaram a uma abertura diplomática, exemplificada pelo tratado EUA-URSS sobre a

Eliminação de Mísseis de Alcance Intermediário (INF) e a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão. Gorbachev desempenhou um papel central nesse processo, já que ele estava buscando reformas e cooperação internacional (WESTAD, 2010, volume 3)

O segundo fator, diz respeito a liderança dos EUA virar o jogo da Guerra Fria contra Moscou, com as políticas, incluindo o apoio à OTAN e a resistência de Mujahedin no Afeganistão, que foram fundamentais nesse processo. Outro fator que também desempenhou um papel significativo, foi o alinhamento entre o presidente Reagan, juntamente com a primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, que adotaram uma abordagem única de firmeza e amizade em relação ao líder soviético Mikhail Gorbachev, com políticas para criar um ambiente com maior segurança internacional. No entanto, é crucial entender que o colapso do domínio comunista na União Soviética não foi apenas o resultado das ações dos EUA, mas também foi influenciado por mudanças internas e pressões sociais dentro da própria URSS. (WESTAD, 2010, volume 3)

A terceira trata da questão de um ambiente internacional estável que possibilitou a tomada de riscos políticos. Essa estabilidade gerou uma cooperação internacional intensificada entre os líderes ocidentais e Gorbachev. Além disso, a atuação da ONU, especialmente por meio do Conselho de Segurança, legitimou as políticas de Gorbachev sem comprometer sua autoridade interna. A existência de democracias prósperas na Europa Ocidental exerceu uma forte influência na Europa Oriental, incentivando movimentos de democratização e mudanças políticas. Essas dinâmicas internacionais demonstram a interconexão entre os eventos domésticos e as relações internacionais, evidenciando como fatores externos podem moldar e facilitar mudanças políticas internas. (WESTAD, 2010, volume 3)

O quarto fator, conforme Westad (2010), destaca que o processo de Helsinque desempenhou um papel fundamental na formulação de uma nova política de direitos humanos dentro do bloco soviético. Esse processo representou um marco significativo na Détente Leste-Oeste na Europa, sendo resultado da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE) em 1975. O "Final Act" dessa conferência estabeleceu princípios-chave para as relações entre os Estados participantes, especialmente a respeito dos direitos humanos. Ao adotar esses princípios, os países signatários comprometeram-se não apenas a respeitar, mas também a promover e proteger os direitos fundamentais de seus cidadãos. O

processo de Helsinque, portanto, não apenas forneceu uma base para uma nova política de direitos humanos, mas também desempenhou um papel crucial na promoção da paz e da estabilidade na Europa durante um período de intensa tensão política e militar.

O quinto fator é sobre a oposição não violenta na Europa Oriental e na URSS que auxiliou na mudança e desempenhou um papel fundamental no desfecho da Guerra Fria. Movimentos de resistência civil na Europa Oriental e na URSS, como, o movimento operário na Polônia e a Carta 77 na Tchecoslováquia, desafiaram os governos comunistas de maneira disciplinada. A adoção de métodos não violentos contribuiu para a relutância soviética em intervir com força, especialmente após a ascensão de Gorbachev em 1985. Com isso, esses movimentos influenciaram a resistência dentro da própria URSS. (WESTAD, 2010, volume 3)

O sexto e último fator que é mencionado por Westad (2010), fala sobre o nacionalismo que emergiu como um fator significativo no desmantelamento da URSS no fim da Guerra Fria. Em 1989-1991, o ressurgimento do orgulho nacional na Europa Oriental refletiu um desejo de autonomia e identidade nacional. Essa dinâmica foi causada pela história de repressão étnica na URSS e resultou em alguns conflitos étnicos e separatistas em determinadas regiões. Assim, o nacionalismo desempenhou um papel ambíguo, tanto como uma força unificadora quanto como um catalisador de divisões internas, evidenciando os desafios da transição pós-soviética e da geopolítica pós-Guerra Fria.

A partir dessas análises, a rápida e pacífica transição ocorrida entre 1989 e 1991 é um marco na história global, representando uma mudança significativa sem precedentes em larga escala, livre de conflitos armados. Esse estudo histórico revela que o fim da Guerra Fria foi resultado de uma combinação complexa de fatores, incluindo diplomacia, pressão externa, resistência não violenta e nacionalismo. Embora tenha trazido avanços como a consolidação da democracia em muitos países do Leste Europeu, também trouxe desafios, como conflitos étnicos e crises políticas, destacando a complexidade do período e a inadequação de interpretações simplistas. (WESTAD, 2010, volume 3)

O término da Guerra Fria marcou uma transformação significativa na dinâmica da ordem mundial. A ordem internacional anteriormente restrita aos interesses internos se expandiu para abranger o cenário global. Este evento pode ser interpretado como a consolidação de uma ordem liberal internacional, modelada pelo

estilo americano. No entanto, essa transição também expôs uma crise gradual de autoridade e governança dentro dessa ordem liberal hegemônica, uma vez que o caráter das políticas dominantes, historicamente centradas nos Estados Unidos, foi questionado após o fim da bipolaridade. (WESTAD, 2010, volume 3)

O conflito entre as duas potências no mundo bipolar, que ocorreu entre 1947 e 1989, permeou diversos aspectos da sociedade, desde a política e a economia até a cultura e o esporte. Além de se manifestar nas disputas de alta tecnologia e alto custo, que caracterizaram a Guerra Fria, esse embate provocou mudanças profundas na ordem mundial. As rivalidades entre os blocos liderados pelos Estados Unidos e pela União Soviética transcendem o âmbito material, influenciando os valores e as alianças políticas, bem como os eventos esportivos, como por exemplo, os Jogos Olímpicos, que muitas vezes refletiam as tensões geopolíticas da época, e as expressões culturais. (RODRIGUES, 2021)

2.2. Breve histórico das Olimpíadas de Verão

As Olimpíadas, como as conhecemos hoje, têm raízes profundas na Antiguidade grega. Os Jogos Olímpicos da Antiguidade eram uma série de competições esportivas realizadas a cada quatro anos na cidade de Olímpia, na Grécia, a partir de 776 a.C. Esses jogos foram parte integrante da cultura grega e eram dedicados aos deuses gregos, principalmente Zeus. (COB, s.d.)

Esses eventos eram muito mais do que apenas uma competição esportiva, eles eram um evento religioso e cultural significativo. Atletas de várias cidade-estado gregas competiam em eventos atléticos como corridas, lutas, lançamento de disco e lançamento de dardo. A vitória era altamente valorizada e trazia prestígio tanto para o atleta quanto para sua cidade natal. (COB, s.d.)

Os Jogos percorreram por cerca de doze séculos, até que o imperador romano Teodósio I os proibiu em 393 d.C., como parte de uma série de medidas para suprimir práticas pagãs. Após esse período, essas competições desapareceram por mais de 1.500 anos. (COB, s.d.) Sua versão moderna foi revivida no final do século XIX por iniciativa do francês Pierre de Coubertin. Ele fundou o Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1894 e os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna foram realizados em Atenas, Grécia, em 1896. (VASCONCELLOS, 2008)

Desde a inauguração da primeira Olimpíada Moderna em 1896, aproximadamente trinta edições dos Jogos Olímpicos foram realizadas até 2024, ocorrendo a cada intervalo de quatro anos. Esses eventos estão listados a seguir, conforme mostra o Quadro 1:

Quadro 1. Edições dos Jogos Olímpicos de Verão na Era Moderna

Século XIX	Atenas 1896
Século XX	Paris 1900 Saint Louis 1904 Londres 1908 Estocolmo 1912 Antuérpia 1920 Paris 1924 Amsterdã 1928 Los Angeles 1932 Berlim 1936 Londres 1948 Helsinque 1952 Melbourne 1956 Roma 1960 Tóquio 1964 Cidade do México 1968 Munique 1972 Montreal 1976 Moscou 1980 Los Angeles 1984 Seul 1988 Barcelona 1992 Atlanta 1996
Século XXI	Sydney 2000 Atenas 2004 Pequim 2008 Londres 2012 Rio de Janeiro 2016 Tóquio 2020 (realizados em 2021 devido à pandemia de COVID-19) Paris 2024

Nota: Os dados em negrito são Olimpíadas realizadas durante o período da Guerra Fria

Fonte: : Elaboração própria a partir de dados fornecidos pelo Comitê Olímpico Internacional, s.d.

Em uma visão geral, os Jogos Olímpicos sempre atraíram uma grande quantidade de atletas em suas edições. Desde o início, cerca de duzentos e quarenta e cinco atletas participaram dos Jogos em Atenas 1896, já na década de 1920, as Olimpíadas já contavam com aproximadamente três mil atletas. Nas edições mais recentes, a média de participantes tem sido em torno de dez mil

atletas. No entanto, eventos como os Jogos de Moscou em 1980 e Los Angeles em 1984 sofreram reduções significativas no número de atletas devido a boicotes políticos. (GLOBO - GE. S.d)

2.3. Diplomacia esportiva nos Jogos Olímpicos de Verão durante a Guerra Fria

Ao longo do Século XX, o esporte emergiu como um dos fenômenos culturais e sociais mais proeminentes, mantendo sua relevância ao adentrar o Século XXI. Sua capacidade de atrair atenção e sua ampla aceitação social o tornaram um recurso valioso para empresas e instituições em busca de visibilidade e reconhecimento. Tanto para vender produtos quanto para promover ideais políticos, o esporte tem sido utilizado como uma poderosa ferramenta de propaganda. As confederações do esporte, como por exemplo, o COI (Comitê Olímpico Internacional), perceberam em meio a globalização, o crescente valor do esporte para a mídia e passaram a mercantilizar o esporte a partir da transmissão televisiva dos Jogos Olímpicos. (ARON, 1987)

O esporte exaltou elementos simbólicos da pátria, tais como bandeiras e hinos, que foram exibidos ostensivamente em cerimônias de abertura e de premiação nos Jogos Olímpicos. Percebendo o grande poder convocatório e nacionalista do Esporte, os governos passaram a investir na preparação das seleções nacionais em busca do prestígio obtido com as vitórias esportivas (SIGOLI, 2004, p 115)

Os Jogos Olímpicos proporcionam uma plataforma para os blocos, capitalista e socialista, poderem demonstrar sua superioridade em relação aos oponentes políticos. O ambiente esportivo, amplamente percebido como neutro e dissociado da política, foi estrategicamente selecionado como o palco para a propaganda que visava promover a superioridade de um sistema sobre o outro. (LICO, 2007) Assim, nas palavras de Vasconcellos (2008, p 46):

Quando as Olimpíadas renasceram, como reflexo de cultura desportiva, já não reuniam força para impor o fim das guerras, mas tinham e mantiveram a capacidade de fascinar a humanidade, projetar valores universais e enlaçar o mundo em atmosfera de compreensão (VASCONCELLOS, 2008, p. 46).

Dessa maneira, com os soviéticos buscando expandir o comunismo, investiram intensamente em programas esportivos, como na ginástica, por exemplo, onde implementaram recrutamentos em províncias do país, desde a infância, permitindo que crianças de famílias de baixa renda participassem de centros de treinamento especializados, em troca das famílias receberem apoio financeiro, para demonstrar a superioridade do socialismo. Enquanto isso, os Estados Unidos, com

sua política de contenção, utilizaram o esporte para reafirmar os valores do capitalismo e do mundo livre. Como por exemplo, no âmbito dos atletas de alto rendimento, os EUA concentraram recursos significativos em programas de treinamento avançado e competições internacionais, destacando-se como potência esportiva global e símbolo de excelência individual dentro de uma economia de mercado.(MURRAY, 2018).

Em competições internacionais, como os Jogos Olímpicos, cada vitória ou derrota se tornava um símbolo da eficácia dos respectivos sistemas políticos, amplificando a importância desses eventos além do contexto esportivo. As conquistas dos atletas eram vistas como triunfos ideológicos, fazendo do esporte um campo de batalha crucial na guerra de narrativas entre as superpotências (MURRAY, 2018).

Essas disputas ideológicas que aconteciam nos eventos fizeram com que se desenvolvesse o termo diplomacia esportiva, o qual envolve atividades representativas e diplomáticas realizadas por esportistas em nome de seus Estados. O termo caracteriza a aproximação de todos os Estados ou indivíduos envolvidos e ligados a assuntos esportivos. As Olimpíadas, por exemplo, foram usadas para criar uma imagem que fosse favorável para os países participantes, como por exemplo EUA e URSS, de maneira que, com essas percepções criadas e modeladas, eles pudessem mostrar seu poder. (MURRAY, 2018)

A palavra poder, originada do latim “*possum*”, tem como significado “ser capaz de”, segundo Nye (2004), a definição de poder se caracteriza pela capacidade de moldar suas preferências acima dos outros para obter os resultados desejados. É, nas palavras do autor, o poder da atração e sedução. A partir disso, a diplomacia esportiva torna-se cada vez mais um elemento do chamado *Soft Power*. (NYE, 2004)

Diferentemente do *Hard Power*, que se caracteriza pelo uso da força militar e sanções econômicas para influenciar outros países, o *Soft Power* se define como um poder de influência mais sutil, exercido por meios não tangíveis, como cultura, valores e políticas. No entanto, é importante destacar que o *Soft Power* não pode ser confundido com a simples ideia de influenciar. O *Soft Power* vai além da capacidade de persuadir alguém com argumentos; ele se baseia na capacidade de atrair e cooptar através de meios não coercitivos (NYE, 2004).

Uma maneira de identificar a diferença entre *Soft Power* e *Hard Power* é, segundo Nye (2004), considerar a variedade de maneiras para obter os resultados

Dessa maneira, eventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, favorecem a relação entre os países e suas nações, despertando interesse em cada um deles. Contemporaneamente, o esporte continua desempenhando um papel importante nas relações entre os Estados, e é caracterizado por construir pontes entre nações distantes, como um meio de se evitar conflitos, além de ser uma forma diplomática de aproximação e demonstração de poder. Assim, os governos recorrem ao esporte para complementar e amplificar sua mensagem diplomática com propagandas políticas dos países e seus regimes de governo. (MURRAY, 2018)

Uma narrativa para o *smart power* no século XXI, não é somente sobre maximização do poder e manutenção da hegemonia. É principalmente, sobre encontrar caminhos para combinar recursos dentro de uma estratégia de sucesso em um novo contexto de difusão de poder e "ascensão dos outros atores (NYE JR., 2011, p. 208).

A partir desse contexto histórico, o fim da Guerra Fria causou o começo de uma nova era mundial. Os Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992 foram marcados pela participação de novos países, como resultado das mudanças políticas que ocorreram no início da década de 1990, com a queda da União Soviética, a fragmentação da Iugoslávia e a reunificação da Alemanha, que levaram à estreia de várias nações independentes nos Jogos. Esses eventos históricos refletem não apenas a importância do esporte, mas também a transformação política, social e ideológica em todo o mundo. (JORGE DE CARVALHO, 2016)

Os exemplos destacados evidenciam a estreita relação entre política e os eventos esportivos internacionais. Um evento cuja característica primordial é a promoção do esporte desempenha, em última análise, um papel de grande relevância para todo o sistema internacional. Servindo não apenas como uma plataforma de integração global e celebração de ideais compartilhados a cada ciclo de quatro anos, mas também funciona como um instrumento de promoção da paz entre nações e como palco para manifestações que buscam modificar o status quo da política internacional. (SILVA; CAVALCANTI, 2021)

Em conclusão, tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética compreenderam o esporte como uma poderosa ferramenta política durante a Guerra Fria, usando as competições internacionais, especialmente os Jogos Olímpicos, como um palco para promover suas ideologias e demonstrar superioridade. Para os soviéticos, o sucesso esportivo era uma extensão direta do sucesso do sistema comunista, um meio de exibir a eficiência e o poder do socialismo, enquanto os EUA

viam o esporte como uma forma de reafirmar os valores democráticos e capitalistas, demonstrando a supremacia de seu modelo. As vitórias nas competições esportivas eram interpretadas não apenas como triunfos atléticos, mas como declarações políticas, em que o prestígio e a influência global estavam em jogo. Eventos como a final de basquete em 1972 e o "Milagre no Gelo" em 1980 exemplificam como o esporte se tornou uma arena simbólica onde as tensões ideológicas da Guerra Fria eram encenadas. Assim, o esporte transcende o mero entretenimento, transformando-se em uma estratégia para a projeção de poder e a propaganda política (BENSON, s.d)

3. BOICOTES OLÍMPICOS

O esporte é frequentemente retratado como apolítico, um veículo que promove o espírito do Olimpismo e incentiva a saúde e a forma física em escala global. No entanto, a realidade é que o esporte muitas vezes se torna a expressão máxima do nacionalismo. Estereótipos nacionais e disputas históricas frequentemente ressurgem quando atletas competem representando seus países de origem. Assim, os esportes se transformaram em uma plataforma para demonstrar orgulho nacional e, às vezes, até para tentar resolver diferenças internacionais através da competição. (JIRICOVA, 2023)

Mário André Sigoli, em seu trabalho de 2004, aborda como o esporte pode ser instrumentalizado para objetivos políticos e ideológicos, destacando várias características e funções do esporte nesse contexto.

Dessa maneira, alguns fatores e características atribuídas ao esporte tornam-no propenso a ser instrumentalizado para objetivos políticos e ideológicos. De acordo com Sigoli (2004, p.112):

1. É uma atividade com regras de fácil compreensão, sendo utilizado como elemento de comunicação de massa portador de uma linguagem simples. O Estado, por meio dessa linguagem, utiliza o elemento de tensão emocional do Esporte para veicular os seus objetivos e ideologias
2. Oferece à população a possibilidade de identificação com o coletivo e com as aspirações patrióticas dando sentido de união nacional
3. É um elemento alienador que permite ao espectador a compensação para as tensões e aflições da vida cotidiana
4. A apropriação do atleta como representante do sistema, os sucessos esportivos fornecem prestígio político
5. O esporte é reflexo da concepção de valores existentes na sociedade na qual está inserido. Isto lhe confere uma neutralidade interna, permitindo que o direcionamento político seja determinado de fora do seu contexto

Em decorrência disso, os boicotes olímpicos de 1980 e 1984 ilustram como as ideologias da Guerra Fria permeiam o mundo do esporte, transformando os Jogos Olímpicos em um palco para disputas. Além de que, esses momentos históricos mostram que é possível traçar um paralelo entre os diplomatas e os atletas, onde ambos são representações de seus Estados e estão sujeitos a regras de conduta que legitimam a presença nacional naquele evento, traçando a ideia de

ideologia em moldar as ações e decisões de estados e indivíduos, mesmo em um contexto de entretenimento como o esporte. (LICO,2007)

Embora essas duas edições dos Jogos Olímpicos tenham sido profundamente influenciados pelas tensões políticas da Guerra Fria, é incorreto supor que somente essas edições foram afetadas por essas rivalidades. Desde que os Jogos foram retomados após a Segunda Guerra Mundial, questões políticas têm se manifestado de diferentes formas, como na escolha das cidades-sede, na ausência de certas delegações e nos eventos que definiram o ambiente de cada edição (FRAGA, 2023).

Embora os Jogos Olímpicos de 1980 e 1984 tenham ficado indelévelmente marcados pelos reflexos da política sobre o esporte, é um equívoco acreditar que apenas estas duas edições tenham sido afetadas pelas tensões políticas da Guerra Fria. Desde que os jogos foram retomados após o fim da Segunda Guerra Mundial, os acontecimentos políticos se fizeram presentes de alguma forma, seja na escolha da sede, na ausência de delegações ou mesmo nos acontecimentos que marcaram o contexto de cada edição. (FRAGA, 2023, p 139)

Além das Olimpíadas de 1980 e 1984, que foram notavelmente boicotadas por questões políticas, houve outros eventos significativos ao longo da história olímpica. Um exemplo é o Primeiro Boicote às Olimpíadas, em Melbourne 1956, quando países do Oriente Médio e da África boicotaram os Jogos devido a tensões geopolíticas. Em seguida, teve-se Montreal, em 1976, que também enfrentou um boicote significativo de países africanos devido à participação da Nova Zelândia, que tinha relações esportivas com a África do Sul durante o apartheid. Outros eventos como, no México, em 1968, em que houve protestos e tensões políticas, além de Munique em 1972, onde os Jogos foram tragicamente marcados pelo ataque terrorista contra a equipe olímpica israelense. (JIRICOVA, 2023)

Pode-se notar que o esporte, enquanto fenômeno social, não apenas reflete as dinâmicas políticas vigentes, mas também se configura como um campo propício para a sedimentação de ideologias. Nesse contexto, o interesse em promover e financiar iniciativas esportivas e de atividade física é impulsionado não apenas por sua viabilidade econômica, mas também pela sua potência enquanto instrumento ideológico, capaz de legitimar valores e discursos dominantes na sociedade contemporânea (LICO, 2007).

Pode-se usar como exemplo, a União Soviética que utilizou o esporte como uma ferramenta de propaganda para reforçar o socialismo, apresentando suas conquistas esportivas como provas da superioridade e eficácia do sistema socialista. Da mesma forma, como dito anteriormente, os Estados Unidos empregaram o esporte para promover o "American Way of Life", destacando o capitalismo e a liberdade individual por meio de suas vitórias em eventos internacionais. (NOVAIS, 2022).

Com base nesses fatores, esses boicotes que aconteceram ao longo dos anos mostram como o esporte e a política frequentemente se entrelaçam, influenciando o espírito olímpico e o cenário global, onde a relação entre o sistema esportivo, a política e a ciência delineiam um contexto complexo e multifacetado, em que a presença da ideologia se revela fundamental. (LICO,2007)

3.1. Boicote

A palavra boicote vem da língua inglesa "*boycott*" que tem como significado, segundo a *Encyclopedia Britannica* (2024), "recusar-se a comprar, usar ou participar de algo como forma de protesto". Em suma, o conceito de boicote é uma estratégia da diplomacia esportiva, é a tendência coercitiva da ação, que busca levar o outro a mudar sua ação, significando a ausência voluntária em determinado evento. O ator que realiza o boicote como finalidade, protesta contra ações que não são condizentes com o que a outra parte defende. (D'AGATI, 2013)

A origem do termo vem do sobrenome de Charles Boycott, que, no século XIX, administrava as terras da propriedade de Charles Parmell e foi encarregado de comunicar aos inquilinos sobre o aumento do aluguel. Como a notícia não foi bem recebida, estes últimos criaram uma campanha contra Charles Boycott, cortando a conexão com ele. Dessa maneira seu sobrenome passou a ser utilizado para designar a abstenção voluntária como ato de protesto. (BRITANNICA, 2024)

Para D'Agati (2013), no mundo esportivo, esse ato é utilizado para transmitir uma mensagem, principalmente com envolvimento político, sobre o descontentamento dos manifestantes. Alguns exemplos da história do esporte em que se realizaram os boicotes, são os Jogos Olímpicos que aconteceram em 1980 e 1984.

Embora, à primeira vista, o boicote olímpico pareça ter evoluído de uma simples decisão dos Estados de expressarem suas preocupações de política externa

através da ausência, para uma abordagem mais complexa envolvendo diversas atividades para manifestar oposição, exemplos dos eventos estudados a seguir questionam o relaxamento ou distensão entre as superpotências durante o início dos anos 1980. Essas análises desafiadoras investigam se a complexidade aparente do boicote esportivo é de fato um reflexo fiel das dinâmicas e motivações envolvidas. (BEACOM, 2012)

Essa crise durante as Olimpíadas de 1980 e 1984, causou implicações profundas e prolongadas para a diplomacia global, aprofundando as hostilidades da Guerra Fria para o movimento olímpico. Ambos os acontecimentos serviram para inflar ainda mais uma competição abrangente das superpotências da época, seja na política ou no esporte, para que, assim, os países pudessem enriquecer suas imagens diante da mídia internacional. (D'AGATI, 2013)

3.2. Olimpíadas de 1980

A votação no Comitê Olímpico Internacional, realizada em 23 de outubro de 1974 em Viena, foi decisiva para a escolha da sede dos Jogos de 1980. Com um resultado de 39 a 20, Moscou superou Los Angeles, impulsionada pela ambição de Sergei Pavlov, presidente do Comitê de Cultura Física e Esportes da URSS. Ele desejava que a União Soviética se tornasse o primeiro país socialista a sediar os Jogos Olímpicos. Embora a proposta inicial tenha sido recebida com ceticismo, Moscou já havia se destacado como uma forte candidata nas Olimpíadas de 1976, surpreendendo ao vencer no primeiro turno contra Montreal e Los Angeles. Assim, a cidade foi novamente selecionada como anfitriã dos Jogos de 1980, tornando-se a primeira capital do Bloco Oriental a acolher o evento olímpico. (KOMMERSANT, 2014)

Após a escolha da sede dos Jogos, e em meio ao cenário relativo de apaziguamento das tensões entre as duas potências no período da Détente, os Jogos Olímpicos de 1980, realizados na cidade de Moscou, foram boicotados pelos EUA e por cerca de outros 60 países. A situação ocorreu em decorrência da invasão feita pela URSS no Afeganistão, em 1979, uma ação que foi amplamente interpretada pelos Estados Unidos como uma provocação e uma ameaça à estabilidade regional. Esse ato desencadeou uma resposta imediata dos Estados Unidos e de outros países ocidentais, que viram a invasão como uma violação da soberania afegã e uma interferência direta nos assuntos internos de um país

soberano. Os Estados Unidos lideraram um esforço diplomático e político para exigir a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão, argumentando que a presença militar soviética representava uma ameaça à paz e à segurança na região. (WESTAD, 2010, volume 3).

A partir da decisão da URSS de não se retirar, os EUA adotaram medidas drásticas como, bloqueio da exportação de grãos e de tecnologia para a URSS, e se retiraram do Tratado SALT II (assinado em 1979, buscava limitar o número de bombardeiros estratégicos e mísseis balísticos intercontinentais de ambas as potências nucleares.) Embora tenha sido assinado, o tratado não entrou em vigor devido à invasão, o que levou os Estados Unidos a suspenderem sua ratificação. (WESTAD, 2010, volume 3). Isso ocorreu pois segundo Jimmy Carter, o então presidente americano da época, a URSS não poderia simplesmente invadir uma nação e agir normalmente com o resto do mundo. (D' AGATI, 2013)

Entretanto, as Olimpíadas de Moscou despertavam grande expectativa, ela era aguardada com ansiedade em todos os aspectos, especialmente em relação à organização, visto que os soviéticos eram vistos como capazes de estabelecer um padrão elevado para os Jogos Olímpicos. (Folha de São Paulo, 1979 apud LICO, 2007, p. 69)

Essa expectativa singular na comunidade esportiva durante o final da década de 1970 e início dos anos 1980, foi marcada por um momento de grande significado histórico devido à dinâmica bipolar. Esta edição olímpica, adquiriu um caráter especial por representar mais uma oportunidade de confronto entre os países líderes dos blocos capitalista e socialista, sendo a primeira vez que tal disputa ocorria em solo socialista, especialmente no país mais emblemático desse sistema, a União Soviética. (LICO, 2007)

Dessa forma, essa edição reuniu cerca de 5.179 atletas de 80 equipes diferentes. Sua abertura, que também foi televisionada por emissoras brasileiras, mostra de início, um gigante desenho do urso Misha, mascote da Olimpíada de Moscou, formado por placas coloridas que eram movimentadas pelas pessoas na arquibancada, chorando. Além disso, um balão em forma de Misha desfilou pelo estádio e, ao final do desfile, foi solto, elevando-se no céu. (MEMÓRIA GLOBO, 2021)

A União Soviética emergiu como uma potência dominante nos Jogos Olímpicos nas décadas de 1970 e 1980, após conquistas significativas nas edições

de 1972 e 1976, como se pode observar a partir do Quadro 2, abaixo. Nessas competições, os atletas soviéticos demonstraram um desempenho notável, superando os Estados Unidos em termos de conquistas no quadro de medalhas. Esses sucessos não apenas reafirmaram a supremacia esportiva da União Soviética, mas também serviram como um símbolo do poder e prestígio do bloco socialista no cenário internacional. (LICO,2007)

Quadro 2. Quadro de medalhas das Olimpíadas de 1972 e 1976

	1º Lugar	2º Lugar	3º Lugar	4º Lugar
1972 - Munique	União Soviética - 99 medalhas	Estados Unidos - 94 medalhas	Alemanha Oriental - 66 medalhas	Alemanha Ocidental - 40 medalhas
1976 - Montreal	União Soviética - 125 medalhas	Estados Unidos - 94 medalhas	Alemanha Oriental - 90 medalhas	Alemanha Ocidental - 39 medalhas

Fonte: Elaboração própria a partir de informações de GLOBO - GE. S.d.

A conquista de medalhas olímpicas tornou-se uma fonte de orgulho nacional é um reflexo do investimento do Estado soviético em programas esportivos de alto rendimento. Assim, quando os Estados Unidos lideraram o boicote aos Jogos Olímpicos de 1980, em Moscou, a União Soviética viu-se confrontada não apenas com uma ausência significativa de competidores ocidentais, mas também com o desafio de manter sua posição de destaque em meio a crescentes tensões políticas e rivalidades ideológicas. (LICO,2007)

As projeções dos especialistas e colunistas esportivos apontavam para um desfecho que seguia a tendência das edições anteriores, especialmente considerando o fato de que o evento estava sendo realizado em solo soviético. Dada a tradição de sucesso dos atletas soviéticos nas Olimpíadas anteriores, havia uma expectativa geral de que a União Soviética continuaria a dominar o quadro de medalhas. (LICO,2007)

A realização dos Jogos na capital da União Soviética, sugeria um ambiente favorável para os atletas anfitriões, com amplo apoio local e familiaridade com as instalações esportivas e condições climáticas. Assim, as previsões dos especialistas tendiam a confirmar a posição de liderança da União Soviética nos Jogos Olímpicos de 1980, antes mesmo de o evento começar. (LICO,2007)

A ideia dos Estados Unidos de boicotar essa edição, enfrentou resistência por parte do Comitê Olímpico Internacional (COI). O presidente do COI na época, Lorde Killanin, defendia firmemente que a sede dos Jogos não deveria ser alterada e permaneceria em Moscou conforme planejado. Ele rejeitou veementemente as propostas de realocação dos Jogos, apesar das crescentes pressões políticas e apelos de boicote por parte de algumas nações. (Folha de São Paulo, 1980 apud LICO, 2007, p. 77) Contudo, nas palavras de Jimmy Carter:

Nem eu ou o povo americano apoiaremos o envio de uma equipe americana com tropas soviéticas no Afeganistão. Hoje, enviei uma mensagem ao Comitê Olímpico dos Estados Unidos explicando minha posição de que, se os soviéticos não retirarem suas tropas dentro de um mês do Afeganistão, os Jogos sejam transferidos para outro local ou não apoiarei o envio de uma equipe americana para a Olimpíada (LAGUNA, 2020, s.p.)

Diante da decisão de boicotar os Jogos Olímpicos de 1980 em Moscou, alguns países adotaram uma abordagem alternativa com relação à participação de seus atletas. Ao invés de proibir completamente a participação, esses países optaram por permitir que seus atletas competissem sob a bandeira olímpica, em vez de representarem diretamente suas nações. Essa medida permitiu que atletas de países como Itália, França e Grã-Bretanha participassem dos Jogos, embora de uma forma desvinculada da identidade nacional. (FRAGA, 2023)

Diante da decisão dos Estados Unidos em darem continuidade ao boicote, Carter ameaçou suspender os passaportes dos atletas estadunidenses que decidiram assistir aos jogos em Moscou. Essa abordagem gerou opiniões divergentes, com alguns interpretando-a como um esforço para confrontar a União Soviética e sua ameaça à democracia. No entanto, uma parcela significativa da mídia e potenciais atletas olímpicos expressaram descontentamento pela perda da oportunidade de competir. (BLOOM, 2018)

O presidente do Comitê Olímpico Internacional, Lord Killanin, numa entrevista exclusiva à Agência France Press, criticou duramente a proposta do governo norte americano de boicotar os Jogos Olímpicos de Moscou, afirmando que Jimmy Carter não pode impedir os esportistas de seu país de irem a Moscou "sem atentar contra os direitos humanos que tanto prega". Em seguida à entrevista do presidente do COI, Carter voltou a enviar um de seus conselheiros jurídicos a Lake Placid, numa evidente tentativa de pressionar dirigentes esportivos hesitantes, para que apoiem o boicote proposto pelos EUA. (Folha de São Paulo, 1980 apud LICO, 2007, p 96)

Apesar de alguns atletas que competiram sob a bandeira olímpica terem alcançado uma boa colocação no *ranking*, a União Soviética, como nação anfitriã,

conquistou a posição de destaque no quadro de medalhas, seguida pela Alemanha Oriental, Bulgária e Hungria, como mostrado no Quadro 3, a seguir. (FRAGA,2023)

Quadro 3. Quadro de medalhas das Olimpíadas de Moscou em 1980.

	1° Lugar	2°Lugar	3°Lugar	4°Lugar
1980 - Moscou	União Soviética - 195 medalhas	Alemanha Oriental – 126 medalhas	Bulgária - 41 medalhas	Hungria – 32 medalhas

Fonte: Elaboração própria a partir de informações de (GLOBO - GE. S.d.)

Alguns países como, Grã-Bretanha, Austrália, Chile, Japão e China prontamente confirmaram seu apoio ao boicote olímpico, poucos dias depois do anúncio norte americano. Por outro lado, países como a Argentina e o Brasil, decidiram não aderir ao embargo para receber e manter benefícios econômicos. A Argentina, por exemplo, manteve relações comerciais estáveis com a União Soviética na época, especialmente no setor agrícola. As exportações argentinas de produtos como trigo e carne continuaram a ser vendidas para o mercado soviético, proporcionando uma importante fonte de receita para o país. Já o Brasil, além de preservar seus interesses comerciais, se beneficiou politicamente ao manter uma posição de neutralidade no conflito entre EUA e União Soviética. Essa neutralidade garantiu acesso a mercados e melhorou sua imagem como mediador, mesmo em um contexto de repressão sob a ditadura militar, marcada por graves violações de direitos humanos. Ao não aderir ao boicote, o Brasil buscou desviar a atenção internacional de suas práticas repressivas e reforçar sua posição como um país independente e diplomático, apesar das contradições entre sua política externa e interna. (LICO,2007)

A Espanha foi um caso notável, pois, apesar das recomendações governamentais para não participar, o Comitê Olímpico Espanhol decidiu competir, influenciado pelo fato de Juan Antonio Samaranch ser um forte candidato à presidência do COI. Este foi de fato eleito três dias antes da cerimônia de abertura dos Jogos de Moscou para o cargo no qual permaneceria pelos próximos vinte e um anos. (LICO, 2007)

Diante dessa situação, em 27 de maio de 1980, oficialmente o COI anunciou os países participantes dos Jogos Olímpicos de Moscou, que começaram em 19 de julho daquele mesmo ano. Com base em um levantamento feito alguns dias antes

dos Jogos, cerca de 83 países já tinham confirmado a aceitação dos convites para sua participação nas Olimpíadas. (LICO,2007) Além disso, segundo o Comitê Olímpico:

Ontem, em Londres, o presidente do COI, lord Killanin, comentou: "o prazo oficial para inscrições já venceu, mas a porta continua aberta para aqueles países que desejarem se inscrever. Não estamos prorrogando o prazo em um sentido geral. Mas se um Comitê Olímpico nacional adotar uma decisão tardia, ou desejar mudar sua posição e se apresentar para os Jogos, nós ajudaremos". (Folha de São Paulo, 1980 apud LICO, 2007, p 112)

Durante os dezesseis dias de competição dos Jogos Moscou, muitos atletas viram seus sonhos se concretizarem. No entanto, ao final dos Jogos, em 3 de agosto, enquanto os sonhos de milhares de atletas se transformavam em uma pequena parte de uma história, uma das imagens mais marcantes foi Misha, o mascote dos Jogos, que deixou cair uma única lágrima durante a cerimônia de encerramento. Essa cena não só simboliza o fim dos Jogos de Moscou, mas também refletia a decepção de muitos atletas americanos e de outros competidores cujos sonhos olímpicos foram frustrados devido ao boicote de 1980. (CARACCIOLI; CARACCIOLO, 2008)

Em resumo, a realização dos Jogos Olímpicos de 1980 pela União Soviética, apesar do boicote liderado pelos Estados Unidos e seus aliados, destaca a resiliência e a determinação do país anfitrião. Mesmo diante da ausência de várias potências esportivas, considerou-se que as competições foram conduzidas de forma organizada e eficiente, transmitindo uma imagem positiva dos soviéticos ao redor do mundo. Essa atitude dos Estados Unidos de enfraquecer a legitimidade do evento sediado pela União Soviética, evidenciou ainda mais sua habilidade em usar seu poder político, econômico e bélico para promover ideais e influenciar outras nações a se alinharem com seus interesses políticos (FRAGA,2023)

3.3. Olimpíadas de 1984

A escolha de Los Angeles como sede dos Jogos Olímpicos de Verão de 1984 ocorreu em uma votação do Comitê Olímpico Internacional (COI) realizada em 1981, onde a cidade enfrentou Nova Iorque como sua principal concorrente. A votação final resultou em 46 votos a favor de Los Angeles e 42 a favor de Nova Iorque, indicando uma disputa acirrada. Essa decisão foi significativa, pois garantiu os Jogos para Los Angeles e estabeleceu um novo modelo de financiamento e organização que influenciaria futuras edições das Olimpíadas. A escolha refletiu a confiança do

COI na capacidade de Los Angeles de realizar um evento bem-sucedido, aproveitando sua infraestrutura existente e assegurando um financiamento sólido. (IOC, s.d.)

Durante os quatro anos que separam os Jogos Olímpicos de Moscou e os de Los Angeles, a disputa da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética se intensificou significativamente. Nesse período, a rivalidade ideológica e política entre as duas superpotências alcançou novos patamares. A corrida espacial, um dos campos de maior visibilidade dessa rivalidade, foi marcada por avanços tecnológicos e missões ambiciosas promovidas principalmente pelos Estados Unidos, como o satélite Explorer 1 em 1958, viagens tripuladas como a Apollo 11. Além disso, a Guerra Fria também influenciou diretamente o movimento olímpico, uma vez que os Jogos de Moscou foram boicotados por diversos países ocidentais liderados pelos EUA, não poderia ser diferente na edição seguinte, sediada nos EUA. (FRAGA, 2023).

A situação descrita ilustra uma guerra indireta entre duas nações, cujos sistemas políticos e econômicos competiam, permitindo ao mundo avaliar o vencedor. O processo de escolha das cidades-sede também se tornou uma arena de competição entre Oriente e Ocidente. O boicote soviético aos Jogos Olímpicos de 1984 visava evitar que os Estados Unidos, ao sediar os Jogos em Los Angeles sem concorrência, pudessem afirmar que tiveram os melhores Jogos Olímpicos em comparação com os de Moscou. (D'AGATI, 2013)

Dessa forma, as repercussões do boicote de 1980 ecoaram quatro anos depois em Los Angeles. A URSS se negou a participar das Olimpíadas 1984 e convenceu aproximadamente quinze países a fazerem o mesmo, sob a alegação de falta de segurança para seus atletas e também em protesto contra a instalação de mísseis ocidentais em território europeu, o que os soviéticos diziam ser uma campanha anti soviética lançada por setores reacionários dos EUA em conivência com as autoridades dos países em que se foram instalado os mísseis (WESTAD, 2010, volume 3)

Em 8 de maio de 1984, o Comitê Olímpico Nacional Soviético fez um anúncio declarando que não participaria dos Jogos Olímpicos em Los Angeles. Conforme afirmado, "a histeria anti-soviética surgiu nos Estados Unidos; grupos e organizações extremistas de diferentes tipos, tentando criar condições inaceitáveis para a participação dos atletas soviéticos, aumentaram sua atividade; o lado americano demonstra que não pretende garantir a segurança dos atletas nem respeitar seus direitos e dignidade humana; nessas condições, o Comitê Olímpico Nacional da União Soviética

é forçado a declarar que a participação dos atletas soviéticos nas Olimpíadas é impossível”. (KOBIERECKI, 2015, pág 101)

Após o anúncio do boicote da União Soviética aos Jogos de Los Angeles, os organizadores do evento e o Comitê Olímpico Internacional (COI) iniciaram uma série de iniciativas para mitigar os impactos e garantir a participação do maior número possível de países. Essas medidas incluíram esforços diplomáticos para persuadir outras nações a participarem e realização de ajustes logísticos para assegurar que os Jogos mantivessem seu prestígio e relevância. Essas ações ajudaram a garantir a presença de diversas nações, incluindo alguns países socialistas que optaram por não aderir ao boicote. (KOBIERECKI, 2015)

Um exemplo de país que decidiu participar das Olimpíadas foi a Romênia, que enviou sua equipe para os Estados Unidos, mesmo considerando o contexto dos países comunistas que estavam sob influência soviética, que em sua maioria optaram pelo boicote proposto. Contudo, países como a Polônia e a Hungria, que estavam considerando enviar equipes sob a bandeira olímpica, decidiram se retirar oficialmente dos Jogos. (KOBIERECKI, 2015)

Por mais que a União Soviética estivesse fazendo uma grande propaganda para o boicote de Los Angeles, quando comparado ao de Moscou, o boicote soviético teve menor abrangência, principalmente por conta de uma campanha feita pelo Comitê Olímpico Internacional que conseguiu convencer cerca de cento e quarenta Comitês Olímpicos Nacionais a participarem dos Jogos (IOC, s.d.)

Com toda essa movimentação da União Soviética, os Estados Unidos em contrapartida ao boicote, decidiram chamar a atenção dos telespectadores por meio da abertura dos Jogos. Com uma visão futurista, eles apresentaram um homem com uma mochila movida a propulsores voando no estádio onde acontecia o início das Olimpíadas de Verão. Já na cerimônia de encerramento, uma nave espacial com o formato de disco voador, pairando sobre o estádio, trazendo um show de luzes que interagem com o público. Esse elemento de tecnologia espacial durante a cerimônia de abertura, fazia com que o desenvolvimento científico estadunidense ficasse evidente, sendo um elemento fundamental naquele momento da Guerra Fria. (FRAGA, 2023)

Como resultado, as cerimônias de abertura foram especialmente emocionantes para os veteranos. O Coliseu de Los Angeles estava cheio com 90.000 pessoas. Houve uma hora e meia de música e apresentações no campo. Grandes balões nas cores cobre e branco foram soltos no ar. Aviões escreveram os cinco anéis olímpicos no céu acima do estádio.

Oitenta e quatro pianos de cauda e pianistas apareceram entre as colunas do estádio e tocaram "Rhapsody in Blue". Cada pianista estava vestindo azul. A cerimônia foi interativa. O público levantou cartões que decoraram a arena com as bandeiras das 140 nações que participaram deste festival olímpico. (SARANTAKES, 2010, p 254)

Essa atitude dos Estados Unidos deixou claro a ênfase no sentimento de patriotismo americano. Principalmente no início dos jogos, o então presidente Ronald Reagan fez um discurso aos 614 atletas olímpicos dos EUA sobre as atitudes da União Soviética, mesmo que não a tenha mencionado explicitamente, aludiu ao boicote e enfatizou esse sentimento de poder estadunidense. (KRATZ, 2023)

Reagan falou de um “novo patriotismo que se espalha por todo o país” e de um carinho pelo nosso modo de vida, expresso por pessoas que representam a amplitude de uma sociedade culturalmente diversificada. (KRATZ, 2023, s.p.)

Dessa forma, no dia 28 de julho de 1984 se iniciaram os Jogos Olímpicos de Los Angeles, com a presença de cerca de 6.829 atletas de 140 delegações distintas (IOC, s.d.) Com a União Soviética, Alemanha Oriental e a maioria das delegações socialistas de fora desses jogos, os Estados Unidos dominaram o quadro de medalhas, conquistando um total de 174 medalhas, das quais 83 foram de ouro. (FRAGA,2023) Contudo, analisando o quadro de medalhas (ver Quadro 4), nota-se que um país socialista, a Romênia, ficou em terceiro lugar no pódio, conquistando 53 medalhas.

Quadro 4. Quadro de medalhas das Olimpíadas de Los Angeles em 1984.

	1º Lugar	2ºLugar	3ºLugar	4ºLugar
1984 – Los Angeles	Estados Unidos – 174 medalhas	Alemanha Ocidental – 59 medalhas	Romênia - 53 medalhas	Canadá - 44 medalhas

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de GLOBO - GE. S.d.

Sete anos depois, em dezembro de 1991, a maior república da antiga URSS, a Rússia, elegeu Boris Yeltsin como seu presidente. Mikhail Gorbatchev, último líder da União Soviética, ligou para o presidente dos EUA para desejar Feliz Natal, entregou a Yeltsin os códigos de segurança nuclear e assinou o decreto que encerrou oficialmente a União Soviética. Em seu discurso de despedida, ele afirmou

que a Guerra Fria, a corrida armamentista e a militarização excessiva do país haviam chegado ao fim, eliminando a ameaça de uma guerra mundial. (TABET, 2008)

Como Moreira de Sá (2014) diz, “Não foram os Estados Unidos que ganharam a Guerra Fria, mas sim a URSS que a perdeu. E aqui Gorbatchov foi o grande protagonista.”

Com a dissolução da URSS, a estrutura bipolar do mundo deu lugar à Nova Ordem Mundial, onde os Estados Unidos assumiram a hegemonia. Mesmo antes do fim da Guerra Fria, os EUA já possuíam uma supremacia militar significativa, sendo a maior potência militar global. Esse status era sustentado por diversos fatores, incluindo um orçamento de defesa elevado, um grande exército e uma indústria militar tecnologicamente avançada. (DA VEIGA, 2017)

O próximo governo dos Estados Unidos já não enfrentaria uma ameaça ideológica e geopolítica uniforme. Assim, a Doutrina da Contenção deixou de ser o princípio orientador da política externa americana. Com a nova complexidade do cenário internacional, os EUA precisavam de um novo framework para guiar suas ações. (MUNHOZ, 2017, pag. 61)

Com o fim da URSS marcando uma drástica mudança no cenário global, o colapso da União Soviética trouxe grandes perdas geopolíticas para a Rússia. Boris Yeltsin, o primeiro presidente da Federação Russa, tomou medidas para preservar a influência russa: ele assumiu o controle das embaixadas e representações diplomáticas soviéticas e garantiu que a Rússia mantivesse o assento no Conselho de Segurança da ONU como sucessora da URSS. (MUNHOZ, 2017)

Além disso, buscou manter o controle sobre os arsenais nucleares e as forças militares de elite, e preservou símbolos de poder como o Kremlin. No entanto, a nova Rússia experimentou uma redução significativa em seu prestígio e capacidade de influência global, perdendo o status de uma potência rival aos Estados Unidos. (MUNHOZ, 2017)

A Guerra Fria terminou porque a percepção que os Estados tinham um do outro mudou, o que alterou seus objetivos de política internacional. Com a transformação das identidades dos principais protagonistas, o cenário global também mudou, redefinindo o significado da Guerra Fria. Em resumo, o conflito acabou porque as duas superpotências, que desde o final da Segunda Guerra Mundial se viam como inimigas, começaram a se entender de uma nova forma, sem

se verem mais como uma ameaça. Sem essa ameaça, a Guerra Fria chegou ao fim. (TABET, 2008)

Embora não se possa afirmar com certeza que o conflito acabou completamente, o complexo de relações que definia a Guerra Fria foi resolvido na década de 1990. A disputa entre os americanos e soviéticos, marcada por apenas um confronto direto em mais de quarenta anos, durante a Guerra da Coreia, chegou ao fim. (TABET, 2008)

Dessa forma, com o fim dessa época, o mundo entrou em uma nova fase das relações internacionais, na qual não havia mais a divisão em dois blocos opostos. Os Estados passaram a ter mais liberdade para seguir seus próprios caminhos, e o equilíbrio de poder baseado em armas nucleares e na política de não-alinhamento deu lugar a um cenário desconhecido. Assim, iniciava-se uma nova era na história global. (TABET, 2008)

Em suma, os estudos das relações diplomáticas entre URSS (Rússia) e Estados Unidos no período pós Guerra Fria afirmaram a utilidade da hipótese de que existiram momentos de aproximação e distanciamento entre as duas nações (TABET, 2008)

A partir desses dados apresentados, percebe-se que, após esse período conturbado dos dois boicotes em larga escala que aconteceram durante a Guerra Fria, ficou evidente que esse tipo de sanção, mesmo que realizada pelas principais potências esportivas internacionais, não afetaria as políticas externas dos países anfitriões e muito menos faria com que a realização e o prestígio dos Jogos Olímpicos fossem comprometidos. Apesar dos boicotes terem gerado impactos temporários e aumentado a tensão nas relações internacionais, os Jogos prosseguiram, mantendo sua integridade e capturando a atenção global. (SARANTAKES, 2010)

Consequentemente, ao longo dos anos seguintes, esse tipo de ação foi perdendo força, pois ficou claro que os Jogos Olímpicos possuem uma capacidade própria de superar pressões políticas. Apesar da presença do boicote nas Olimpíadas de Inverno de 2022, em Pequim, para Kátia Rubio, pesquisadora dos Jogos Olímpicos e professora da Universidade de São Paulo (USP) "Os boicotes são produto das relações internacionais no momento histórico em que elas acontecem. Nós estamos acompanhando há alguns anos esse embate e é claro que

os Jogos Olímpicos são um momento ideal para que essa rivalidade ganhe proporções internacionais" (MELLO, 2022)

Além disso, por conta de toda a repercussão causada pelos dois boicotes de 1980 e 1984, foi crescente o desejo de sediar os Jogos entre várias nações, que reconheciam que o evento era uma oportunidade de promover desenvolvimento econômico, infraestrutura e prestígio internacional. A partir desse crescente interesse, reflete a percepção de que, apesar das tentativas de boicote, os Jogos Olímpicos mantiveram seu papel central no cenário esportivo e cultural mundial. (SARANTAKES, 2010)

O ciclo das Olimpíadas de 1980 e 1984 refletiu a rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética, com ambos os países utilizando seus sistemas políticos e econômicos na organização dos Jogos. Sem uma competição oficial entre os anfitriões, o conceito de “sucesso” foi definido por cada nação, gerando desafios significativos e uma diplomacia esportiva complexa. Ambos os países consideraram fatores como o número de nações participantes, a gestão eficiente, a arquitetura e o desempenho esportivo como parte importante da competição. Além disso, as diferenças na forma de financiamento—público versus privado—levam a questionamentos sobre a eficácia das comparações financeiras entre os dois modelos. (D’AGATI, 2013)

Jiricova (2023) reflete sobre o futuro dos Jogos Olímpicos, questionando se haverá boicotes ou se será apenas uma celebração atlética. Ela destaca que o evento sempre será influenciado pelo país-sede e pelo contexto político, e que os atletas continuam reféns das decisões políticas de seus países. O debate sobre a responsabilidade de atletas e fãs na representação de regimes políticos seguirá, pois os Jogos Olímpicos, desde sua origem, sempre tiveram um caráter político.

Jiricova (2023), deixa uma reflexão em seu artigo, “E quanto aos próximos Jogos Olímpicos? Haverá boicotes, boicotes diplomáticos ou será uma simples celebração de atletas esmagando os limites do que um corpo humano pode fazer? Depende do país que organiza os jogos e da situação real. De uma coisa podemos ter certeza. Enquanto os esportes forem internacionais, os atletas sempre agirão como reféns nas mãos dos políticos de seus países. E o debate sobre se os próprios atletas e os fãs devem aceitar a responsabilidade que advém de representar o país com seu regime continuará. Os Jogos Olímpicos começaram em Olímpia , na Grécia antiga,

como um movimento político; não podemos esperar que eles sejam inocentes.”

Assim, fica claro que os Jogos Olímpicos, mais do que um palco para feitos atléticos, refletem e amplificam as tensões e alianças políticas internacionais. A questão que se coloca não é apenas o quanto os atletas representam seus países, mas também o quanto os eventos esportivos globais podem ser utilizados como ferramentas políticas. Compreender essa interseção entre esporte e política é crucial para uma análise aprofundada, uma vez que os esportes, longe de serem neutros, fazem parte de um cenário mais amplo de negociações de poder e influência. (JERICOVA, 2023)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os boicotes olímpicos de 1980 e 1984, que aconteceram durante a Guerra Fria, inicialmente vistos como protestos políticos, revelaram a complexidade das relações internacionais e a importância do soft power na diplomacia global. A análise das Olimpíadas de 1980 e 1984 não apenas destaca a interseção entre política e esporte, mas também destaca a capacidade do esporte de transcender barreiras políticas e culturais.

Os Jogos Olímpicos, como um dos maiores eventos esportivos do mundo, servem como um palco onde as nações projetam suas identidades culturais e políticas, utilizando o esporte como uma poderosa ferramenta de diplomacia. Além de promover o orgulho nacional, o esporte permite que países influenciem a percepção global por meio da exibição de seus valores e conquistas. Os boicotes, como os de 1980 e 1984, evidenciam como as Olimpíadas podem ser um campo de disputa política, refletindo tensões geopolíticas. Ao mesmo tempo, eventos esportivos oferecem oportunidades para promover a paz e a reconciliação, permitindo que nações em conflito se reúnam em um espírito de competição saudável. Assim, o esporte transcende o mero entretenimento, tornando-se um meio significativo de engajamento político e cultural no cenário internacional.

A diplomacia esportiva, portanto, emerge como uma ferramenta poderosa para a interação entre nações, funcionando como um canal para negociações e trocas culturais que vão além das arenas de competição. Os Jogos Olímpicos, em particular, oferecem uma plataforma única onde as nações podem se engajar em um diálogo pacífico, mesmo em meio a tensões políticas. Esses eventos proporcionam um espaço onde as diferenças ideológicas podem ser temporariamente postas de lado em favor de um espírito de competição saudável e respeito mútuo.

Além disso, a cultura desempenha um papel fundamental na diplomacia esportiva. As cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos são oportunidades para os países anfitriões exibirem suas identidades culturais e tecnológicas. Essas cerimônias são cuidadosamente planejadas para transmitir mensagens de poder, inovação e identidade nacional. Tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética utilizaram essas cerimônias para fazer declarações de poder e inovação, reforçando a ideia de que a diplomacia esportiva é profundamente enraizada nas narrativas culturais que cada nação deseja comunicar ao mundo. Por

exemplo, a cerimônia de abertura dos Jogos de Los Angeles em 1984 foi um espetáculo de tecnologia e entretenimento, projetado para mostrar a modernidade e a criatividade dos EUA. Em contraste, a cerimônia de abertura dos Jogos de Moscou em 1980 enfatizou a grandiosidade e a tradição, refletindo a história e a cultura da União Soviética.

Assim, enquanto continuamos a explorar o papel do esporte nas relações internacionais, fica claro que a diplomacia esportiva, influenciada por cultura e poder, é uma chave para compreender como uma forma de soft power, influenciando a percepção global e promovendo a imagem desejada de cada nação.

A análise das Olimpíadas de 1980 e 1984 revela que, embora as tensões políticas possam definir o cenário imediato, o potencial para a diplomacia por meio do esporte permanece. A relação entre os países evolui, e mesmo em um ambiente hostil, a capacidade não apenas a história, mas também os desafios e oportunidades do futuro. A resiliência do esporte como um meio de conectar culturas e nações, mesmo em tempos de conflito, destaca sua importância contínua como uma ferramenta de diplomacia e entendimento global.

O esporte, com sua capacidade de transcender fronteiras e unir pessoas de diferentes origens, continua a ser uma força poderosa para a paz e a cooperação internacional. Portanto, ao analisar eventos históricos como os boicotes olímpicos, podemos obter pontos valiosos sobre como o esporte pode ser utilizado para promover a diplomacia e a compreensão mútua em um mundo cada vez mais interconectado.

Portanto, a pergunta central desta pesquisa foi: como as superpotências, EUA e URSS, utilizaram os Jogos Olímpicos, que são eventos esportivos de alcance global, como plataforma estratégica para promover suas agendas políticas, exercer influência internacional e consolidar sua posição no tabuleiro geopolítico durante a Guerra Fria?

A análise das Olimpíadas de 1980 e 1984 revela que ambos os lados usaram os boicotes como ferramentas para evidenciar suas tensões e rivalidades. Os Estados Unidos, ao boicotar os Jogos de Moscou em 1980 em resposta à invasão soviética do Afeganistão, buscavam não apenas protestar, mas também afirmar sua influência no cenário global. Por outro lado, a URSS, ressentida pelo boicote americano, decidiu não participar dos Jogos de Los Angeles em 1984, enfatizando sua posição de resistência e reafirmando seu papel no conflito geopolítico.

Esses boicotes, inicialmente vistos como protestos políticos, revelaram a complexidade das relações internacionais e a importância do soft power na diplomacia global. As Olimpíadas, por sua vez, se tornaram um palco onde as nações podiam projetar suas identidades culturais e políticas, demonstrando que, mesmo em meio a tensões, o espírito olímpico e o desejo de cooperação podiam prevalecer. Assim, o papel do esporte na diplomacia continua a ser uma chave crucial para entender a interseção entre política e competição, destacando a resiliência do esporte como meio de conectar culturas e promover entendimento mútuo.

Portanto, ao refletir sobre a dinâmica dos Jogos Olímpicos e suas implicações políticas, percebemos que, apesar dos conflitos, o esporte possui um potencial único de unir nações e criar diálogos, contribuindo para um futuro mais colaborativo e pacífico

REFERÊNCIAS

ARON, R. **Os últimos anos do século**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987. Acesso em: 28 julho 2024.

BEACOM, A. **International diplomacy and the Olympic movement: The new mediators**. 2012. Acesso em: 28 agosto 2024.

BENSON, Tyler. **The Role of Sports in The Soviet Union**. s.d. Disponível em: <https://blogs.bu.edu/guidedhistory/russia-and-its-empires/tyler-benson/>. Acesso em: 26 set. 2024.

BOYCOTT. In: **Dictionary Cambridge de língua inglesa**. 2022. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/boycott>. Acesso em: 21 fev 2024.

BRITANNICA. **History & Theory of BOYCOTT**. Disponível em: <https://www.britannica.com/money/boycott>. Acesso em: 21 fev 2024.

BLOOM, Molly. **Presidente Jimmy Carter e o boicote às Olimpíadas de 1980**. History First. 2018. Disponível em: <https://history-first.com/2018/02/27/president-carter-and-the-olympic-boycott-of-1980/>. Acesso em: 12 maio 2024.

BUDD, Adrian; LEVERMORE, Roger. **Sport and International Relations: An Emerging Relationship**. 2004. Acesso em: 27 de agosto de 2024.

CARACCIOLI, Tom; CARACCIOLO, Jerry; MONDALE, Walter F. **Boycott: Stolen Dreams of the 1980 Moscow Olympic Games**. 1. ed. 2008. Acesso em: 27 agosto 2024.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo; Brasiliense, 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/388158/mod_resource/content/1/Texto%2014%20-%20O%20que%20%C3%A9%20ideologia%20-%20M.%20Chau%C3%AD.pdf. Acesso em: 23 abril 2024.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/movimento-olimpico/o-movimento>. Acesso em: 13 abril 2024.

CONSTANTINOU, C. M., KERR, P., & SHARP, P. 2016. **The SAGE Handbook of Diplomacy**. SAGE Publications. Disponível em: (PDF) The SAGE Handbook of Diplomacy (researchgate.net). Acesso em: 15 out 2024.

CULTURE. In: **Dictionary Cambridge de língua inglesa**. 2024. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/culture>. Acesso em: 17 agosto 2024.

CULL, N. **Public Diplomacy: Lessons from the Past**. USC Centre for Public Diplomacy. 2009. Disponível em: CPDPerspectivesLessons.pdf (uscpublicdiplomacy.org). Acesso em: 15 out 2024.

DA VEIGA, Filipa Silva Fragoso. **O fim do sistema internacional da Guerra Fria: o colapso da União soviética vs a hegemonia dos Estados Unidos da América – Uma Proposta Didática**. 2017. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33041/1/ulfpie052287_tm.pdf. Acesso em: 21 agosto 2024.

D'AGATI, P. **The Cold War and the 1984 Olympic Games: A Soviet-American Surrogate War**. 2013. Acesso em: 27 agosto 2024.

DE JESUS, Diego. **Juntos num só ritmo? Diplomacia e esporte internacional**. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Record/article/view/1301>. Acesso em: 13 agosto 2024.

DIPLOMACY. In: **Dictionary Cambridge de língua inglesa**. 2024. Disponível em: https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/diplomacy#google_vignette. Acesso em: 19 set 2024.

FRAGA, Géron Wasen. **Os boicotes aos jogos olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984) no contexto da guerra fria**. 2023. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/15247>. Acesso em: 11 maio 2024.

GOFF, P. M. (2013). **Cultural diplomacy**. In A. F. Cooper, J. Heine, & R. Thakur (Eds.), **The Oxford handbook of modern diplomacy**. Oxford University Press. Acesso em: 31 julho 2024.

GONÇALVES, Alice Ferreira. **Sobre o conceito de cultura na antropologia**. 2010. Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br/CAD/article/download/1416/1136>. Acesso em: 24 julho 2024.

GLOBO - GE. **O quadro histórico de medalhas**. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/olimpiadas/especial/o-quadro-historico-de-medalhas>. Acesso em: 11 maio 2024.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. S.d. Disponível em: <https://olympics.com/ioc/pierre-de-coubertin/ancient-games-as-modern-inspiration>. Acesso em: 13 abril 2024.

JIRICOVA, Barbora. **Boicotes aos Jogos Olímpicos: Uma História de Esportes e Política**. 2023. Disponível em: <https://www.thecollector.com/olympic-games-boycotts/>. Acesso em: 11 julho 2024.

JORGE DE CARVALHO, Alexandre M. **Os Jogos Olímpicos como reflexo de marcos históricos da humanidade**. 2016. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/24769177/os-jogos-olimpicos-como-reflexo-de-marcos-historicos-da-humanidade>. Acesso em: 05 maio 2024.

KANG, Hyungseok. **Reframing Cultural Diplomacy: International Cultural Politics of Soft Power and the Creative Economy**. 2013. Disponível em: [Reframing-Cultural-Diplomacy-International-Cultural-Politics-of-Soft-Power-and-the-Creative-Economy-Hyungseok-Kang.pdf](#) (culturaldiplomacy.org). Acesso em: 15 out 2024.

KOBIERECKI, Michał Marcin. **2015. Boycott of the Los Angeles 1984 Olympic Games as an Example of Political Play—Acting of the Cold War Superpowers**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/289538018_Boycott_of_the_Los_Angeles_

1984_Olympic_Games_as_an_Example_of_Political_Play-Acting_of_the_Cold_War_Superpowers. Acesso em: 23 maio 2024.

KOMMERSANT, Vasily Andreyev. **"Moscow 1980 Olympics: A Soviet Success Story."** 2014. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/sponsored/rbth/features/10611080/moscow-olympics-1980.html>. Acesso em: 03 out. 2024.

KRATZ, Jessie. **Jogos Diplomáticos da Guerra Fria: Jogos Olímpicos de Verão de Los Angeles em 1984.** 2023. S.p. Disponível em: <https://prologue.blogs.archives.gov/2023/08/28/cold-war-diplomatic-games-the-1984-los-angeles-summer-olympics/>. Acesso em: 29 maio 2024.

LAGUNA, Marcelo. **Há 40 anos, nascia o boicote aos Jogos Olímpicos de Moscou-1980.** 2020. s.p. Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/laguna-olimpico/231066-40-anos-boicote-moscou-1980/>. Acesso em: 11 maio 2024.

LICO, Flávio de Almeida A. **O boicote aos jogos olímpicos de Moscou – 1980: Uma análise da reação do movimento olímpico brasileiro e internacional.** 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-18122007-153348/publico/FlavioLicO.pdf>. Acesso em: 29 junho 2024.

LIMA, Arthur. **Política de poder e direitos humanos no processo decisório do boicote olímpico de 1980.** 2020. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14153>. Acesso em: 19 maio 2024.

MELLO, Michele de. **O que está por trás do boicote diplomático às Olimpíadas de Inverno na China?.** BdF. s.p. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/04/o-que-esta-por-tras-do-boicote-diplomatico-as-olimpiadas-de-inverno-na-china>. Acesso em: 12 julho 2024.

MEMÓRIA GLOBO. **Transmissão e cobertura das Olimpíadas de 1980.** 2021. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/esporte/olimpiada-de-moscou-1980/noticia/transmissao-e-cobertura.ghtml>. Acesso em: 17 julho 2024.

MOREIRA DE SÁ, Tiago. **Os Estados Unidos e o fim da Guerra Fria**. 2014. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/RCAP_956f868392528c04bc7767e882422dc1. Acesso em: 25 agosto 2024.

MUNHOZ, Sidnei José. **A crise do sistema soviético e o fim da Guerra Fria**. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2017v24n38p449>. Acesso em: 25 agosto 2024.

MUNHOZ, Sidnei José. **O fim da Guerra Fria e a nova grande estratégia da política externa norte-americana**. 2017. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5395/5395_4.PDF. Acesso em: 24 agosto 2024.

MURRAY, S. **Sport Diplomacy**. 1. ed. New York: Routledge, 2018. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9781351126960/sports-diplomacy-stuart-murray>. Acesso em: 02 junho 2024.

NOVAIS, Bruno do Vale Novais. **O que é diplomacia cultural?**. 2022. Disponível em: <https://orcid.org/0000-0001-8224-1470>. Acesso em: 10 julho 2024.

NYE JR., Joseph. **The future of Power**. Nova Iorque: PublicAffairs, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41149419?seq=2>. Acesso em: 02 junho 2024.

NYE, Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/28699788/Soft_Power_the_Means_to_Success_in_World_Politics_Joseph_S_Nye_Jr. Acessado em: 02 março 2024.

PINTO, Danielle Jacon Ayres. **Smart power: os pilares deste poder na política externa brasileira**. 2011. Microsoft Word - Artigo_Danielle Jacon Ayres Pinto (scielo.br). Acesso em: 02 junho 2024.

RIBEIRO, Edgard Telles. **Diplomacia cultural: seu papel na política externa brasileira.** Fundação Alexandre de Gusmão, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2011. Disponível em: https://funag.gov.br/loja/download/824-Diplomacia_Cultural_-_Seu_papel_na_Politica_Externa_Brasileira_2011.pdf. Acesso em: 08 abril 2024.

RODRIGUES, Aline de Oliveira. **Olimpíadas de verão e boicotes de 1980 e 1984: diplomacia esportiva durante a guerra fria.** 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/33265>. Acesso em: 02 março 2024.

SARANTAKES, Nicholas Evan. **Dropping the torch.** 2010. Disponível em: <https://ebin.pub/dropping-the-torch-jimmy-carter-the-olympic-boycott-and-the-cold-war-0521176662-9780521176668.html>. Acesso em: 02 junho 2024.

SIGOLI, M.A; DE ROSE JUNIOR, D. **A história do uso político do esporte.** 2004. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/566>. Acesso em: 05 março 2024.

SILVA, Thalita Franciely de Melo; CAVALCANTI, Renan Tenório. **O esporte como instrumento de diplomacia no cenário internacional.** 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ricri/article/view/52119>. Acesso em: 04 abril 2024.

TABET, Camila Reinehr. **As relações diplomáticas entre Estados Unidos e Rússia no período pós-Guerra Fria: uma leitura em quatro momentos.** 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/187133219.pdf>. Acesso em: 24 agosto 2024.

TOMLINSON, Alan; YOUNG, Christopher. **National Identity and Global Sports Events: Culture, Politics, and Spectacle in the Olympics and the Football World Cup.** 2006. Acesso em: 19 set 2024.

USP. **Diplomacia: conceito e evolução histórica.** Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4690797>. 2023. Acesso em: 24 set. 2024.

VASCONCELLOS, Douglas Wanderley de. **Fundação Alexandre de Gusmão**. Disponível em: <https://funag.gov.br/biblioteca-nova/produto/1-47>. 2011. Acesso em: 20 fev 2024.

VIZENTINI, P. G. F. **História do Século XX: Guerra Fria**. 3. ed. Século XXI, 2007. Acesso em: 10 abril 2024.

WESTAD, Odd Arne. **The Cambridge History of the Cold War**. Vol. I. 2010. Acesso em: 15 abril 2024.

WESTAD, Odd Arne. **The Cambridge History of the Cold War**. Vol. II. 2010. Acesso em: 15 abril 2024.

WESTAD, Odd Arne. **The Cambridge History of the Cold War**. Vol. III. 2010. Acesso em: 15 abril 2024.